

Light Novel
REBELIÃO
UMA NOITE FATAL

LIVRO

I



DMorje

Light Novel **REBELIÃO**

LIVRO 01

Uma Noite Fatal

DMorje

www.dmorje.com.br



"Eis um universo tão belo e magistral,
habitam nele tanto a ordem como o caos."

- DMorje

Todos os direitos reservados por lei a DMorje, escritora e ilustradora desta obra. Fica proibida a comercialização do conteúdo deste livro. As ilustrações do livro não devem ser usadas para impressão em qualquer meio, seja eletrônico ou físico com fins comerciais. É proibida a alteração do conteúdo deste livro.

Algumas imagens usadas para fazer os cenários das ilustrações foram retiradas do site freepik e editadas digitalmente, outras foram desenhadas pela autora e transformadas com a ajuda de inteligência artificial.

Edição Julho/23

ISBN: 978-65-00-62491-5

Sumário

Capítulo 01 • Marine	9
Capítulo 02 • Vozes Estranhas.....	15
Capítulo 03 • Acerto de contas	23
Capítulo 04 • Quem se salvará?	27
Prólogo 01 • Óregon	41
Prólogo 02 • Tentativa de fuga	47
Prólogo 03 • Covil de legionários	51
Prólogo 04 • Aliança perversa.....	57
Prólogo 05 • Traição	61
Prólogo 06 • Vamos relaxar?	69
Prólogo 07 • Perseguição no espaço.....	78
CONTO • KEINARA.....	84
CONTO • SUNA.....	94
CONTO • HOUNEN	107
SUPER SORTEIO!	116
Continue a sua aventura!.....	117
♦ Agradecimentos ♦	118



Capítulo 01 • Marine

Em um lugar tão vasto como o universo, nem tudo pode ser encontrado. A Ordem dos Sete é uma grande exploradora cujo objetivo é expandir sua cultura sob o pretexto de trazer ordem e progresso a todos os planetas sob seu domínio. Embora tenham descoberto vários planetas habitáveis, o planeta Borbol não faz parte de seu catálogo, muito menos de seu domínio. No entanto, em sua insignificância, algo extraordinário está presente!

Ao entardecer, o céu se tingia de um tom alaranjado, refletindo suavemente na pele morena de Marine. Esticando-se, ela alcança uma laranja no galho de uma árvore, enquanto o vento morno brinca com as mechas azuis de seu cabelo cacheado. Com um sorriso animado, ela segura a fruta em suas mãos e a coloca no cesto. Em seguida, corre em direção à sua humilde casa no campo, seu verdadeiro lar. Na porta, seu pai estende a mão para cumprimentá-la, fazendo-a acelerar o passo. Quando Marine finalmente chega diante de seu pai, ele a beija ternamente na testa antes de fechar a porta. A vida no campo é humilde, mas possui muitas vantagens, sendo uma delas a paz.

Mas... Por quanto tempo podemos esconder algo extraordinário? A vida não permite que isso perdures; o tempo cobra todas as pontas soltas, todos os segredinhos envolvidos em mentiras e meias verdades. O tempo é cruel, ah, sim, ele é. E quando finalmente expõe algo, cobra todas as taxas e mágoas que perseguem um compromisso renegado. Um encontro improvável está prestes a acontecer, pois a vida anseia por novas histórias, que ela mesma se encarrega de escrever.

É noite, e como de costume, Marine está debruçada sobre a janela apreciando o azul aveludado do céu. Seus olhos cintilam diante da visão. "São tantas estrelas! Que incrível! Mas... O que é aquilo?" Ela aponta para uma grande estrela em chamas que corta os céus em silêncio. "Seria uma estrela cadente? Que estranho..." Marine acompanha-a com os olhos até que ela desaparece no horizonte. "Muito grande para ser uma estrela cadente." Seus pensamentos são interrompidos pelo som agudo da campainha. Marine se afasta da janela e segue rapidamente pelo corredor.



Ao abrir a porta, Nayane, sua amiga de infância, sorri: "Voltei!" Marine termina de abrir a porta: "Estou vendo, e como foi a viagem?" Nayane entra arrastando uma mala pesada: "Foi ótima! Super tranquila", depois solta a mala e abraça a amiga. A garota cursa ciência da computação e, como toda boa nerd, é apaixonada por histórias de ficção científica. Apesar de todas as loucuras que já tenha presenciado, ela jamais poderia imaginar a possibilidade de viver uma perigosa ficção.

Havia sido cerca de quatro anos de comunicação e encontros apenas virtuais. Após um abraço apertado, Nayane inicia o diálogo: "Ah, amiga, que saudade de você! Tenho tantas novidades para contar! Vamos passar horas falando e falando..." Marine dá um sorriso forçado, pois já sabe que de fato ela passará horas ouvindo e ouvindo. Diferente de Marine, Nayane é muito ansiosa e agitada, o que às vezes deixa Marine exausta, mas elas são como irmãs e esse tipo de conexão é mais forte do que interesses pessoais.

Marine fecha a porta. "Você pode me contar tudo durante o jantar." Ao ouvir a palavra "jantar", Nayane se anima toda: "Ah... a comida da sua mãe! Acho que senti mais saudade dela do que de você!" Gargalhando, ela atravessa a sala em direção à cozinha. Marine apenas sorri e balança a cabeça. "Maluca." Ao olhar para o lado, ela percebe a mala de Nayane jogada no chão e grita: "Nayane! Sua mala está aqui no corredor. Você precisa levá-la para o quarto... Nayane!" A faminta já estava na cozinha, cumprimentando os pais da

amiga e espionando o que tinha para o jantar. Marine fica irritada, suspira e coloca as mãos na cintura: "Ah... Quatro anos de intercâmbio e ela não mudou nada. Sou eu que vou ter que arrastar essa mala velha até o quarto." Ao puxar a mala pesada, seu braço dói e ela solta: "Meu Deus! O que essa 'louca' carrega aqui? Pedras?" Brava ou não, o trabalho precisava ser feito por alguém, então Marine suspira e, mesmo contrariada, arrasta a mala até o quarto e depois segue para a cozinha para o jantar em família.



Capítulo 02 • Vozes Estranhas

Já é hora de dormir. O relógio marca meia-noite e cinquenta e dois minutos. Na fazenda, o silêncio prevalece. Vida e morte são representadas pela mesma atriz, que apenas troca de figurino para indicar qual será o próximo ato. Hoje, o personagem a ser interpretado é a morte.

Marine e Nayane estão no quarto, com a luz apagada, deitadas e conversando. Como esperado, Nayane conta suas aventuras no intercâmbio, falando rapidamente e quase sem pausas para respirar. No início, Marine presta atenção, mas aos poucos sua mente se desliga do monólogo tedioso. Finalmente, Nayane faz uma pausa e decide fazer uma pergunta pessoal. Por alguns segundos, ela espera por uma resposta, que não vem. Percebendo que está sendo ignorada, Nayane fica aborrecida: "Marine, estou aqui empolgada, contando várias novidades, e você nem aí pra mim!" Com esse toque, Marine desperta de seus pensamentos profundos e, ao invés de reprimi-los, ela os expressa: "Nayane, você já sentiu que seus pais estão escondendo algo muito sério de você?" Por um momento, Nayane parece confusa, mas em seguida mostra a língua e sorri: "Que pergunta estranha..." Marine fecha os olhos e suspira: "Eu sei que é uma pergunta estranha,

mas tenho a sensação de que meus pais estão escondendo algo muito sério. Sinto que vou descobrir isso da pior maneira possível... Estou com medo." Ao olhar para o lado, Marine percebe que Nayane já está dormindo profundamente, o que a deixa surpresa e chateada: "Essa garota não tem jeito! Quando começo a contar algo importante para mim, ela dorme. Não sei por que ainda tento falar coisas sérias com ela."

Marine suspira novamente. Seu coração está apertado, dolorido. Ela vira de um lado para o outro, tentando encontrar o sono. Fechando os olhos com força, ela procura um botão de desligar, mas ao invés disso, a sua mente a leva em uma rápida viagem no tempo: Sua imaginação recria a imagem do quintal gramado onde seu pai, um homem alto de cabelos crespos e pele negra, está perdido em pensamentos profundos. Quando Marine se aproxima e toca em seu braço, ele desperta e sorri gentilmente, mas ela percebe que por trás desse sorriso há uma preocupação maior do que ele mesmo.

Abrindo os olhos a jovem volta ao presente: "Não entendo. Por que meu pai estava tão distante e preocupado? Suas sobrancelhas estavam franzidas e seus olhos distantes. Às vezes, ele fica assim, mas hoje, de maneira especial, ele estava sombrio demais. Ainda tem essa sensação ruim que está tirando a minha paz..." A jovem desiste de forçar o sono e continua remoendo memórias na tentativa de prever os motivos que deixaram seu pai tão aflito.

A hora se arrasta quando de repente um barulho alto de uma porta sendo quebrada atordoa Marine. A jovem se assusta e salta da cama: "O que foi isso?!" Ela sente seu corpo formigar e tremer de pavor. Com os olhos arregalados e a boca seca ela aguça os ouvidos, tentando identificar os sons. "Vozes? De quem são essas vozes?" A primeira voz é muito familiar para ela, é a voz tranquila de seu pai, mas outras duas vozes entram em conflito. Uma voz masculina e outra feminina, até então desconhecidas, mas que nunca mais serão esquecidas.

Ansiosa, Marine tenta acordar Nayane tocando em seu braço enquanto cochicha: "Nayane, acorda! Você também está ouvindo isso?" Nayane resmunga: "Deixa, mãe! A primeira aula é só às sete. Vou dormir só mais um pouquinho." Vendo que a amiga demorará a acordar, Marine age com determinação. Ela puxa a coberta de Nayane com força, fazendo-a cair no chão. Nayane acorda assustada e se levanta confusa: "Oi?! O que está acontecendo?!" Antes que Nayane possa falar, Marine coloca a mão em sua boca e sussurra: "É exatamente isso que eu quero descobrir. Ouvi um barulho de porta quebrando e agora estou ouvindo vozes de duas pessoas que não conheço." Nayane sente um arrepio de medo percorrer seus braços: "Meu Deus, Mari! Quem será?"

Marine abre lentamente a porta e segue o som das vozes na escuridão. Mesmo relutante, Nayane a segue: "Mari, acho melhor ficarmos aqui. Seus pais vão resolver tudo, eles sempre dão um jeito." Marine encara a amiga com determinação: "Se

meus pais estiverem em perigo, não vou ficar aqui sem fazer nada! E você também não! Então, vamos!" As duas continuam caminhando lentamente pelo corredor, arrepiando-se a cada passo; atravessando sala e cozinha em silêncio.



Da porta do quarto dos pais de Marine, as meninas observam discretamente uma cena incomum: os pais da jovem parecem acudados, enquanto duas pessoas ameaçadoras discutem com eles.



Uma mulher loira de voz debochada, ri e zomba da mãe de Marine: "E você, Princesa Aisha, quem diria que abandonaria seu povo em nosso planeta natal para se casar com um legionário?" A mulher começa a esbravejar como uma

fera: "Por sua culpa, perdi minha irmã!" Ela grita e aponta a arma para Aisha. Desesperada, Marine entra no quarto sem pensar duas vezes. "Mãe!" Zira se vira para Marine e a encara com uma expressão confusa: "Mãe?" Mas a expressão logo se desfaz em um riso de desprezo: "Então, essa é a sua cria? Patético!" Aisha estende as mãos em direção a Marine: "Não encoste nela!" O pai de Marine segura sua esposa pelo braço: "Calma, querida. Se perdermos o controle, será pior." Zira fica furiosa e desafia Aisha: "Ou o quê? Você não está em posição de ameaçar ninguém!"



Em meio a tanto caos, o homem que até o momento apenas mirava Marine admirado sorri tranquilamente e toca no ombro de sua companheira fugitiva: "Minha cara, vamos nos acalmar. Não vamos perder o foco de nossa visita." Após rosnar como um animal, Zira obedece e abaixa a arma. Keiro leva a mão até o queixo e começa a analisar a garota: "Os olhos têm o mesmo formato dos da mãe, grandes e levemente inclinados, mas o fogo neles, ah! Esse fogo com certeza é herança do pai. Mesmo com medo eles queimam diante do perigo. Impressionante!"

Segredos devem ser revelados, pois a ignorância tem um preço alto.



Capítulo 03 • Acerto de contas

Após um longo suspiro, o pai da jovem questiona Keiro: "Você já me encontrou. Na verdade, encontrou toda a minha família. Então, vamos ser claros e sensatos. Não acredito que você veio apenas fazer uma visita. Diga-me, o que você quer?" Keiro sorri: "De fato, não vim aqui apenas para uma simples visita, caro ex-general Koyäng. Eu preciso de um favorzinho seu. Ouvi dizer que você possui uma nave bem conservada guardada em algum lugar dessa vasta propriedade e eu preciso dela." O pai de Marine, senhor Koyäng, fica pensativo. Ele ama tanto sua família que abriu mão de sua posição como legionário há muitos anos. No entanto, o incomoda a ideia de ajudar um possível fora da lei: "Posso saber por que você veio parar neste mundo tão distante do seu?" Keiro começa a rir freneticamente, numa tentativa perceptível de controlar seu nervosismo. Com um olhar ameaçador, ele responde: "Eu não sabia que o senhor era tão curioso. Será que preciso lembrá-lo de que este não é um bom momento para fazer perguntas?" Koyäng permanece em silêncio, pensativo. Ele se lembra de ter sentido a presença de um legionário no início da tarde, mas não levou isso a sério, achando impossível que um legionário chegasse a Borbol. No entanto, ali estava o pior legionário de

toda a Ordem dos Sete, filho de um antigo inimigo. Ajudar esse homem seria o mesmo que condenar inocentes.

Impaciente com a demora em obter uma resposta, Zira fica ardendo de ira. Ela puxa o braço de Marine e aponta a arma para a cabeça da jovem: "Estou cansada! Vai nos ajudar ou devo fazer um pequeno buraco aqui?" Aisha dá dois passos à frente, estendendo os braços em direção à filha: "Por favor... Não a machuque. Eu mostrarei onde está a nave." Satisfeito, Keiro faz um elogio sarcástico: "Ótimo! Temos aqui uma mulher sábia. Agora, todos nós faremos um pequeno passeio. Mas antes... senhor Koyäng, desligue seu sabre de luz, por favor." Sem ter outra opção, Koyäng desliga o sabre de luz. Ao lado de sua esposa, ele segue Zira, que mantém Marine como refém entre seus braços. Keiro olha para Nayane e aponta para a porta que leva ao quintal dos fundos, o local por onde ele entrou. Isso indica que ela também deve sair com os outros. Embora esteja trêmula, ela obedece. O clima é extremamente tenso e cheio de incertezas.

Koyäng está agindo com extrema cautela em suas decisões e ações. Ele conhece bem a pessoa com quem está lidando, pois os olhos do rapaz revelam toda a maldita frieza que seu pai, Wondo, carregava em suas transações. O pai de Keiro era um homem poderoso e influente, como chanceler do planeta Inicial, aproveitava sua posição para lucrar com o tráfico ilegal de drogas e pessoas. Quando Koyäng descobriu seus planos e o alertou para mudar seu comportamento,

Wondo se tornou seu maior inimigo, ameaçando que ele e sua amada Aisha pagariam caro se interferissem em seus negócios. Sendo um homem justo, Koyäng não poderia ignorar os crimes de Wondo, o que o colocou em uma situação perigosa, levando-o a simular um acidente fatal em que ele e Aisha supostamente morreram. Na realidade, eles fugiram para Borbol assim que tiveram a oportunidade, construindo uma nova vida longe de tudo que conheciam, mas sempre juntos. Agora, nesse momento turbulento, Koyäng sabe que qualquer desliz, qualquer resposta errada, pode resultar em morte nesta noite. Certamente, Keiro guarda grandes mágoas contra ele, afinal, Koyäng foi responsável por derrubar seu pai, e mesmo que o esteja ajudando agora, esse homem mal não deixará impune. Esse tipo de pessoa se alimenta de rancor e desejo de vingança.



Capítulo 04 • Quem se salvará?

Essa noite promete ser longa! A lua grande ilumina o caminho pelo qual um grupo de pessoas segue andando pela grama-baixa. À frente, Aisha os guia ao lado de Keiro, e atrás, Zira segura Marine bem apertada contra o peito, sua arma está colada na cabeça da jovem e engatilhada. A alguns metros atrás, o ex-general caminha ao lado de Nayane, sempre atento a tudo. Keiro para abruptamente e começa a olhar em volta procurando por alguém. Surpreso, ele exclama: "Senti a presença de um legionário!" Mas Zira dá de ombros e zomba: "Tô sabendo, só aqui nós temos dois." Keiro liga o seu sabre de luz azul e fica em guarda: "Não estou falando sobre mim e ele. Há mais alguém aqui!" Zira resolve dar uma boa olhada em volta, mas vê apenas um céu cheio de estrelas, uma lua grande e brilhante, um monte de árvores e os mesmos medíocres que a enojam. Então, com as mãos na cintura, ela revira os olhos desdenhosamente: "Não vejo ninguém, isso é paranoia sua." Koyäng também sente a mesma presença, mas diferente de Keiro, ele a identifica de imediato e suspira aliviado. "Teremos ajuda," pensa ele. Irritado, Keiro segura Aisha pelo braço e a puxa com força, assustando-a. Koyäng quase reage, mas

segura o instinto protetivo fechando os olhos e suspirando fundo. "Paciência..."

A boca de Keiro está tão perto do rosto de Aisha que ela consegue sentir a respiração rápida dele; é evidente que ele está aflito. Ela pensa "Se realmente há outro alguém oculto entre nós, esse alguém deve ser capaz de estragar os seus planos." Keiro grita com ela: "Não é possível que esta nave esteja tão longe! Não me enrole! Você não sabe do que eu sou capaz!" Mesmo assustada, Aisha engole em seco e o encara: "Eu sei muito bem do que você é capaz, e é por isso mesmo que estou cooperando com você. Aqui está a nave." Keiro solta Aisha e vira-se para a direita, depois para a esquerda, sem acreditar muito: "Ah, é? Já chegamos? E por que eu não vejo nave nenhuma?" Aisha se aproxima da montanha e diz: "Minha família, minha vida." Uma voz eletrônica soa na escuridão: "Identificação de voz atendida. Princesa Aisha, seja bem-vinda!" A montanha começa a se desfazer em meio a pequenas faíscas elétricas, e entre elas surge uma nave de porte pequeno que acende suas luzes e inicia o carregamento para decolagem.

Keiro sorri satisfeito: "Inteligente! Um campo energético camuflado. Vocês pensaram em tudo, não é mesmo? Bonequinha?" E joga Aisha no chão: "Bom, aqui acaba o passeio. Lamento, mas temos de ir." Zira protesta: "Não! Agora é a hora em que acabamos com todos eles! Vamos fazer buraquinhos neles..." Ela sorri sadicamente enquanto seus

olhos brilham de um jeito estranho em direção a Aisha. Keiro a interrompe: "Vamos agora!" Zira se opõe: "Mas você disse que iríamos acabar com todos eles!" A ansiedade de Keiro aumenta: "É, eu sei o que disse, mas não temos mais tempo!" Zira aponta sua arma em direção a ele: "Como assim? Nós temos todo o tempo do mundo!"

"Estou dizendo que não temos mais tempo! Estamos em risco, vamos agora!"

"Não me importa! Eu vim aqui para vingar a minha irmã, e é isso o que eu vou fazer!" Ela aponta a arma novamente para a cabeça de Marine: "Olha aqui, princesa Aisha, sua filhinha. Que tal se despedir?" Zira passava a língua nos dentes superiores, como se saboreasse o desespero nos olhos de Aisha. Antes que Zira pudesse finalizar seus planos, de entre as folhagens de uma árvore surgem os olhos cintilantes de um gato. Eram dois faróis, amarelos e radiantes, que os miravam de cima.

Keiro tenta fazer troça para disfarçar o nervosismo: "Gatos e árvores... Eu deveria ter imaginado." Ao ouvir isso, Zira faz cara de interrogação: "Gatos?" E por um instante abaixa a mão com a qual segura a arma. Como todo bom gato, Keinara dá um salto certeiro sobre as costas de Zira e, agilmente, com o braço esquerdo ela prende o pescoço da assassina, sufocando-a, enquanto com a mão direita crava as suas garras afiadas no braço dela, fazendo-a gritar de dor e soltar tanto a arma como Marine. A arma dá um disparo laser

que atinge o chão do lado direito antes de cair, e Marine cai pesadamente do lado esquerdo. A jovem está atordoada, porém sem nenhum dano físico. Zira tenta soltar-se puxando o braço de Keinara para aliviar seu pescoço, mas a legionária é muito forte, deixando-a totalmente indefesa à sua mercê. Rapidamente, Koyäng puxa a esposa para trás de si e liga o seu sabre de luz verde. Tudo acontece muito rápido, e Keiro se posiciona contra Koyäng. Marine fica sentada no chão sem compreender nada, olhando para Keinara, assustada. Seu pai já a havia contado sobre um mundo onde moravam pessoas-gato. Mas imaginar uma pessoa-gato e estar diante de uma causavam sensações muito diferentes. Além disso, eram apenas histórias para criança dormir, não deveriam ser reais.

Koyäng grita para Keinara em um idioma diferente do de Borbol, um idioma que Marine entende, mas que achava ser inventado pelo pai: “Minha jovem, há quanto tempo...” Keinara o olha com respeito, e ele sorri. Seu sorriso é uma mescla de carinho e desgosto, suplicando, ele diz: “Por favor, leve as duas jovens com você. Salve-as!” Enquanto luta para prender Zira com os braços em um mata-leão, Keinara responde: “Não, general! Eu vim para capturá-los! Não posso voltar de mãos vazias. Eles...” Mas Koyäng a interrompe com lágrimas nos olhos: “Eu te imploro! Por Óregon, farei o meu melhor para segurá-los aqui.” É tudo tão complicado, tão difícil de decidir. A missão ou duas vidas? O que escolher? O que seria mais certo? Keinara não é do tipo que deixa as emoções

falarem mais alto, além de que seria uma desonra voltar de mãos vazias, e ela nunca voltou de mãos vazias. Porém, ao olhar Nayane e Marine apavoradas, trêmulas, fica claro que elas nunca haviam passado por tamanho trauma. Perceber tudo isso lhe causa angústia, e pela primeira vez, Keinara questiona a importância de uma missão. Este é um sentimento também conhecido como compaixão. Ela fecha os olhos e respira fundo: "Que merda!" em seguida aperta mais um pouco o pescoço de Zira, apenas o suficiente para que ela desmaie, depois a deixa cair imóvel no chão. Apressadamente, estende a mão para Marine: "Vamos! Eu te levarei a um lugar mais seguro." Marine entende as palavras de Keinara. A jovem não sabe o que a deixa mais assustada, se é o perigo do momento ou se são as duras revelações indigestas. Tudo é tão absurdo!

A jovem segura na mão de Keinara e fica de pé. Keiro percebe que Keinara irá salvar as garotas. "Preciso impedir que levem a menina para Óregon, isso pode causar grandes problemas, tem muito poder bruto naqueles genes!" Ele estica o braço e, com sua telecinese, começa a arrastar Marine para sua direção, mas Keinara continua segurando firme na mão da jovem, puxando-a em sentido oposto. Nesse impasse, Koyäng estende a sua mão e lança um jato energético que joga Keiro contra a nave, fazendo-o bater as costas e cair sentado. Em um acesso de fúria, Keiro grita: "MALDITOS! Vou acabar com todos vocês!" Rapidamente ele se levanta, estica a mão, puxa

o sabre de luz que estava no chão, liga-o e corre de encontro a Koyäng, que o intercepta. Os dois sabres de luz chocam-se soltando faíscas, e uma batalha se inicia adornada por um belo show de luzes. Enquanto isso, Keinara puxa Marine pelo braço: "Vamos, jovem, obedeça ao seu pai!" Mas ela se nega a abandonar a família: "Eu não vou deixar meus pais, não vou!" Nesse momento, Zira acorda e mesmo enxergando embaçado consegue ver a silhueta de Keinara, ela resmunga: "Gata maldita... Você de novo..." Ela começa a engatinhar procurando por sua arma: "Onde está meu blaster?"

Keinara sabe que cada segundo conta muito; por isso, perde a paciência: "Vamos logo! Você não tem como ajudá-los! Só vai atrapalhar ficando aqui." Marine balança a cabeça com olhos marejados: "Não, não posso..." Keinara a encara nos olhos com fervor e grita: "Você é fraca! Não percebe? Está atrapalhando! Deixe o seu pai cuidar do assunto e venha!" Com essas palavras, Marine para as lágrimas e percebe o quanto é inútil. Foram palavras duras de fato, mas ajudaram Marine a sair do seu estado de paralisia emocional, fazendo-a correr para longe da batalha: "Preciso manter certa distância para que meu pai possa agir sem precisar se preocupar comigo". Nayane segue as duas por instinto, pensando que qualquer lugar é melhor que ficar ali.

Zira agora está de pé, e mesmo ainda tonta, sua mira é ótima. Ela começa a atirar em direção às garotas, as rajadas laser passam muito próximas dos alvos. Keinara rapidamente

se volta para trás e desvia os ataques com o seu sabre de luz magenta. Porém, são muitos tiros e um deles acerta de raspão o braço de Marine, que solta um gemido de dor. Quando um laser toca na pele, mesmo que levemente, ele queima e arde muito. Aisha, ao ouvir os gemidos da filha, se desespera. Ela sabe o quanto tudo pode acabar muito mal e grita com a filha no idioma de Borbol: "Marine, obedeça! Vá com ela!" Mas a jovem é irredutível: "Não! Eu não vou!"

Koyäng sabe o quanto a filha é teimosa e pensa em uma forma de dar mais tempo para Keinara. Com uma mão, ele segura o sabre de luz e continua lutando contra Keiro, mas com a outra mão, ele usa a telecinese para abrir a mão de Zira, deixando-a surpresa. "Eu não consigo controlar os meus dedos, não consigo fechar a minha mão!" A arma levita alto sendo lançada para bem longe. Zira segue a arma com olhos incrédulos, mas sabe que não adianta ir tentar buscá-la. Por isso, esbraveja: "Seu cretino! Odeio esses truques baratos! QUE ÓDIO!" batendo com os pés no chão e agitando os punhos fechados no ar.

Ao perceber o enorme desespero daquele legionário, não, daquele pai, Keinara resolve tomar medidas mais drásticas. Ela o olha com pena, depois acena com a cabeça e aperta os lábios, levanta Marine pela cintura e a joga sobre os ombros. Marine tenta se soltar, ela clama enquanto chora: "Me deixa! Eu quero ficar com os meus pais! Me solta!" Não havendo outra opção, com o braço esquerdo, Keinara prende

Marine sobre os ombros, e com a mão direita, ela pega um dardo calmante de um bolso em sua calça, arranca a tampinha protetora com os dentes e o aplica na coxa de Marine. Agora são três ferimentos, dois físicos e um na alma. Aos poucos, Marine foi se acalmando, perdendo as forças, ouvindo longe, vendo longe, até não sobrar mais nenhum sentido, apenas escuridão.



Nayane está pálida e gélida, mas ela corre na direção de Keinara e a segue. Se os pais de Marine confiam nessa mulher-gato, ela também pode confiar. As três entraram na nave de Keinara, que tinha lugar para até quatro pessoas. Keinara colocou Marine desacordada em uma cadeira, puxou o cinto e a prendeu pela cintura, em seguida abaixou o protetor de corpo por sobre os ombros da jovem, garantindo que ela ficaria imóvel e segura. Nayane sentou-se automaticamente em outra cadeira e se prendeu ao assento por conta própria. Para ela, tudo aquilo parecia um sonho surreal de ficção científica misturado com um filme de terror. Era manter a calma e esperar que tudo acabaria bem. Não acabaria?

Continua nos livros:

II Guerra Silenciosa

III A última esperança (final)

SORTEIO dos livros II e III - clique aqui

Como Keiro e Zira chegaram a Borbol?

Leia o prólogo e descubra!

Light Novel ~ **REBELIÃO**

PRÓLOGO

"Uma casa dividida não
pode permanecer de pé."

- Marcos 3:25

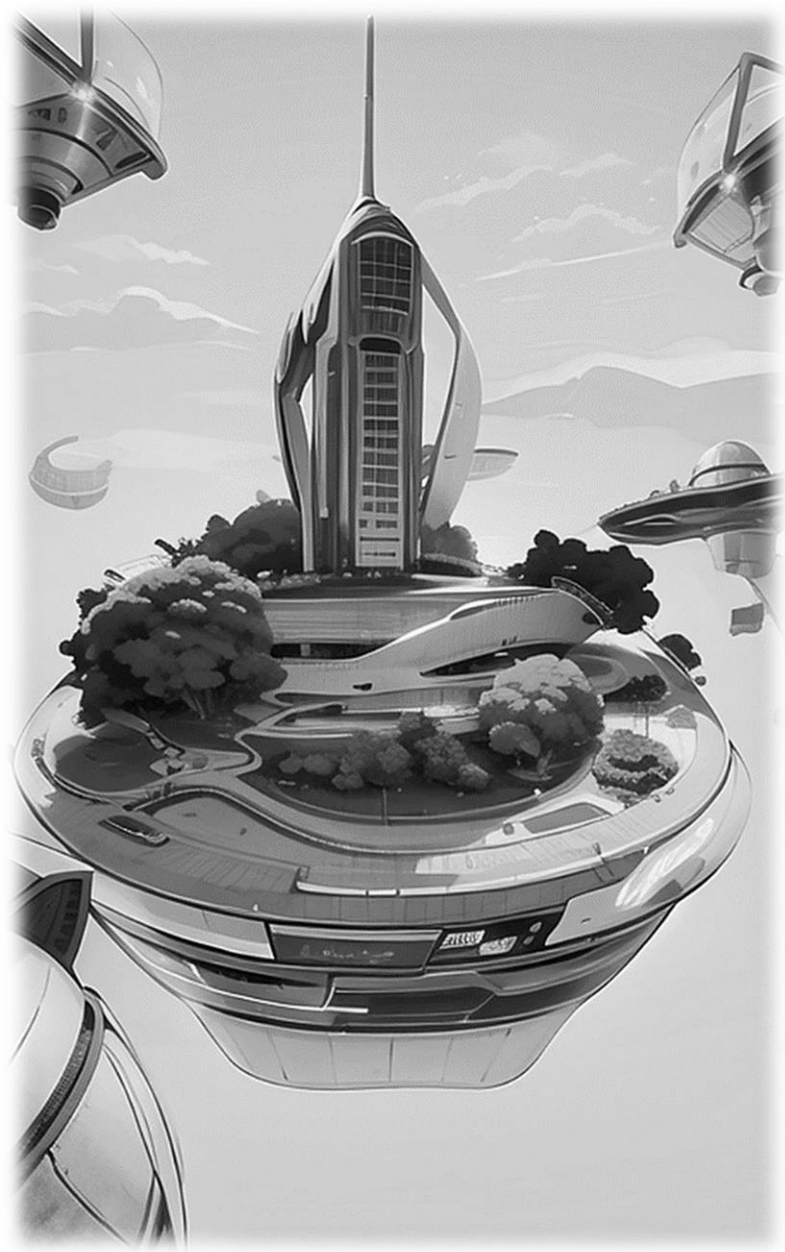
DMorje

www.dmorje.com.br



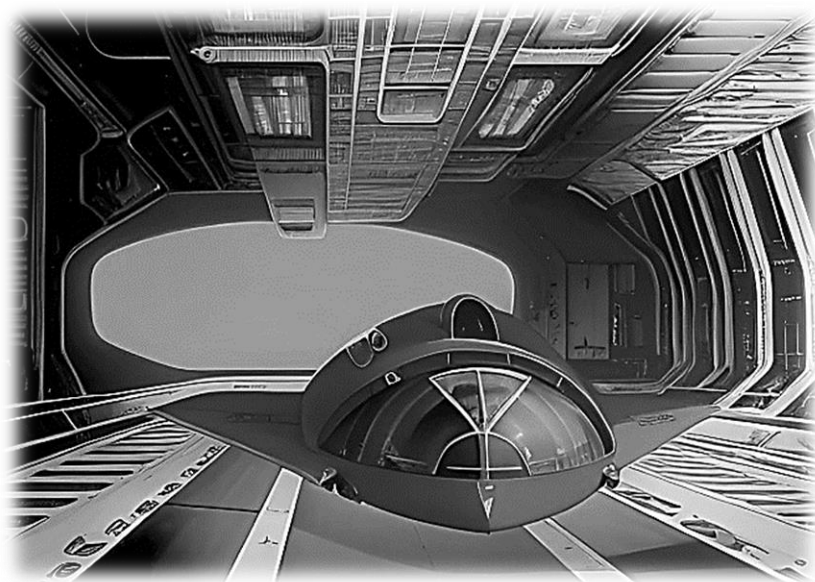
"É na traição que se prova
a fragilidade do laço."

- DMorje





Prólogo 01 • Óregon



A paz pode desaparecer tão rápido quanto um piscar de olhos. Um desejo, um plano, uma execução, e nada mais será como antes.

Na vasta escuridão do universo paira um planeta único, fora do comum chamado Óregon. No dia UX, esse montante de terra flutuante se tornou um planeta independente, governado apenas por pessoas com poderes especiais,

batizados de legionários. Temendo uma represália dos governantes do planeta Inicial, foram projetadas três luas artificiais de puro aço, elas cobrem o planeta com um escudo desintegrador. Algo realmente impressionante e grandioso! No entanto, toda essa aparente invulnerabilidade será testada.

Em seu centro, uma imensa torre prateada reluz, seu formato é idêntico ao de uma nave pronta para decolar. Todos os dias, muitas naves chegam e partem, trazendo mantimentos, armamentos e outros utensílios necessários para seus habitantes. Neste momento, no hangar vinte e dois, uma nave vermelha cintilante pousa delicadamente, espalhando muito vapor. Quando a porta se ergue, são reveladas as silhuetas de duas mulheres.

A primeira caminha como que se arrastando, de má vontade. Seus olhos verdes fervem de raiva. Calada, ela apenas obedece às ordens da mulher-felina que a segue de perto. Esta segunda mulher anda a passos firmes, determinados, como de um soldado cumprindo seriamente a sua missão. Enquanto uma acredita estar lutando por justiça e paz universal, a outra, com justificada mágoa, luta em prol de vingança. O som de passos ressoa sobre o piso metálico, as duas seguem em direção a uma entrada comum. Ao passar pela porta, elas encontram outra legionária de aparência felina e pelagem amarela. Seu nome é Suna.



Ansiosa, ao avistar Keinara ela sorri: "Boa tarde, Keinara! Seja bem-vinda a Óregon." Keinara corresponde o sorriso amistosamente: "Boa tarde, Suna. Obrigada por atender ao meu chamado."

"Imagina, fico feliz em poder ajudar." Suna mede a prisioneira com evidente desdém: "Essa aí deve ser a prisioneira problemática." Keinara fecha os olhos e dá um longo suspiro: "É, é sim. Bem problemática... Por isso mesmo eu te aconselho a ficar alerta. Ela parece frágil, mas é astuta como uma serpente." Suna franze as sobrancelhas, pois se sente um pouco ofendida: "Eu agradeço pelo conselho, mas não precisa se preocupar. Essa aí não será problema para mim." Keinara dá de ombros: "Bom, é o que eu espero. Porque eu não quero ver nunca mais essa cara feia." E entrega o controle das algemas para Suna, que rapidamente garante: "Já escoltei prisioneiros mais perigosos do que ela. Pode ficar tranquila!" Keinara sorri com um discreto deboche de canto de boca, ela acha engraçado como Suna se ofende com facilidade: "Ah, sim, eu sei. É só um aviso habitual. Confio que daqui ela não tem como fugir." Suna acena com a cabeça positivamente: "Sem dúvida! Já faz mais de quinhentos anos desde a última fuga em Óregon, certamente a segunda não será hoje."

"Sim, sim" Keinara dá leves tapinhas no ombro da amiga: "Eu confio no seu excelente trabalho." Isso faz Suna sentir-se lisonjeada e renova seu ânimo. Suna faz continência de uma forma tão exagerada que Keinara precisa se esforçar para não rir. Depois disso, Keinara também responde com uma rápida continência, vira-se e caminha em direção à nave. Ela estava tão cansada e tão ansiosa pela folga de amanhã que a sua

vontade era a de sair saltitando, porém, a sua pose de durona foi uma das responsáveis por lhe garantir o respeito da maioria, então, ela apenas seguiu o seu caminho.

Após a nave de Keinara partir, Suna e Zira seguem caminhando por uma das portas do complexo. Elas andam em direção a um elevador e sobem até o vigésimo sexto andar. Suna anda confiante enquanto pensa: "É... Está sendo muito tranquilo. Mas também, o que poderia dar errado? Estamos em Óregon!" e sorri. Pequeno provérbio: Não é porque as coisas parecem estar dando certo que não podem dar errado. Às vezes é só uma questão de tempo.



Prólogo 02 • Tentativa de fuga

Não demora muito, e Zira começa a resmungar em voz alta: "Aquela gata desprezível! Já deve estar bem longe. Logo vou sair desta merda!" Ao ouvir os resmungos da prisioneira, Suna começa a debochar dela: "Quem você pensa que é? Tá achando que Óregon é igual às outras prisões encardidas que você já esteve? Sua idiota! Eu não quero mais te ouvir falar mal da legionária Keinara!" Zira percebe no tom da voz de Suna o quanto ela admira Keinara, e que provavelmente deseja um dia ser tão boa quanto ela. Esta é uma ótima oportunidade para criar um clima desagradável, então começa a cuspir frases ardilosamente calculadas: "Olha, olha... O que nós temos aqui? Uma puxa-saco do fã clube das desprezíveis! Você não se cansa de ser tão medíocre?" Suna se surpreende com aquela petulância toda, e seu sangue começa a ferver: "Medíocre?! Você é muito desaforada mesmo, hein! Você pensa que eu não posso te punir só porque, diferente de você, eu tenho princípios?" A raiva de Suna fez eriçar os seus pelos, e uma bela carranca se materializou em seu rosto. Era uma barragem de ira que estava para arrebentar. Por outro lado, Zira estava satisfeita com o desequilíbrio que conseguira causar. Este era o seu objetivo, pois uma pessoa

emocionalmente instável é um excelente alvo de manipulação, e por isso mesmo seria fácil cair em uma armadilha. Zira sorri: "Exatamente! Sei bem que posso falar o que eu quiser. E você? Você precisa ficar calminha, seguindo todos os malditos protocolos..." E o pior era que ela não estava errada. As leis de Óregon são bem restritivas quanto ao abuso de poder. Nenhum legionário pode atacar outra pessoa a menos que este o tenha atacado primeiro. Ataques verbais não contam como motivo para revidar, por isso mesmo ela continua com toda pompa: "Porque é assim que essa maldita ordem lida com as coisas! Promessa de paz, ordem e não violência... mas, na verdade, todos vocês não passam de uns fantoches! Não possuem identidade nenhuma e ainda por cima, servem a governantes hipócritas!"

"CHEGA!" Suna, instintivamente, lança um tapa no rosto de Zira, a qual sorri satisfeita. Essa era a sua vida, criar caos e aproveitar o momento. Divertia-se com situações como a que estava prestes a acontecer. Após o seu ato impensado, Suna fica inerte em total espanto. Ela sabe que agira muito mal, e isso lhe resultará em grandes problemas. Sentiu-se tão atordoada que fixou os olhos nas próprias mãos, esquecendo-se de que estava diante de uma assassina perigosa. Este era o momento previsto pelo mal. Rapidamente, Zira levanta a perna direita e acerta um chute no estômago de Suna, jogando-a para longe. Após o chute, o controle das algemas quebrou-se,

e em seguida, elas se desativaram, caindo pesadamente no chão.

“Agora, eu estou livre! Vou meter o pé deste lugar!” Zira se prepara para dar o próximo passo à liberdade, mas... Você já ouviu falar no ditado: “O que vem rápido, vai rápido”? E assim foi. Estranhamente, mãos invisíveis estavam apertando o pescoço da assassina, sufocando-a.

“Mas, o que q...?”



Prólogo 03 • Covil de legionários

Percebendo que não poderia lutar contra algo tão poderoso, Zira desiste de se debater e analisa a situação. Seus olhos vasculham cada canto até avistar um legionário de cabelos espetados igual a um porco-espinho que está com a mão estendida na sua direção. Diferente de Suna, ele é dono de um olhar calmo daquele tipo quem tem total controle sobre a situação. É quando Zira cai em si: Óregon não é apenas mais uma prisão, é o covil dos legionários, a sede da tal Ordem. Ela resmunga engasgada: “Seu filho de uma daska!” Após mais alguns segundos, a assassina cai pesadamente no chão inconsciente. O legionário, usando sua telecinese, ergue as algemas e as prende novamente, tanto no pescoço como nos pulsos da mulher. Tudo de forma rápida, apenas com o olhar.

Após assistir de camarote à ação rápida de Hounen para impedir a fuga da prisioneira, Suna começa a se levantar devagar, passando as mãos na farda amarrotada. Hounen a encara com desaprovação, fazendo-a sentir-se constrangida “Fiz besteira de novo...” O legionário aponta para Zira desacordada no chão e devidamente algemada, indicando que era para ter sido assim desde o início. Com um leve aceno de cabeça, ordena a Suna que finalize o seu trabalho. Eram

gestos pequenos e sutis, os quais foram rapidamente compreendidos.

Após alguns minutos, Zira acorda em uma cela revestida de aço. Sentada sobre a cama com os olhos meio cerrados, ela dá uma rápida visualizada no quarto: "Fui pega... Que saco!" Não sabia o que era pior, a cabeça quase explodindo de dor ou a humilhação de ter sido aprisionada novamente. E finalmente: Tudo que é ruim pode ficar ainda pior. Do lado de fora da cela, Suna iniciou uma sessão de tortura psicológica. Com uma voz afetada, como quando se fala com uma criança, Suna começa a zombar da prisioneira: "Bom dia, bela adormecida! Dormiu bem?" Zira esfrega as mãos no rosto, tentando acordar por completo, enquanto responde indignada aquela voz irritante: "Aff... Você de novo! O que você quer?"

"Eu quero que você saiba que não fui punida como você esperava." A prisioneira fica um tanto surpresa com a notícia, afinal, Óregon é muito rígido com as suas leis, mas se esforça para aparentar total desinteresse: "Ah... É mesmo? Que bom para você. Eu não sabia que tinham afrouxado as regras por aqui." Rapidamente, Suna nega, fingindo simpatia na voz: "Não, não é isso. Apenas abriram uma exceção. Disseram que pelo seu nível de periculosidade, isso já era esperado. Enfim... Era só isso mesmo que eu queria te falar."

"Já que disse o que tinha de dizer, espero que se vá!"

"Ah, eu vou sim. Mas antes, te desejo boa sorte com o seu tratamento psicológico, cortesia de Óregon. Após o reset, você será uma pessoa melhor. Até mais!" Após estas palavras, Suna se vira e vai embora. Ela sente um pouco de culpa por ser cruel ao falar sobre o reset, mas Zira é um monstro e merece ser lembrada da sua recompensa.

"RESET?!" Zira dá um pulo da cama: "Eu havia esquecido completamente! Preciso vazar daqui, rápido! Mas como?" Cada minuto que passava era de pura aflição para a prisioneira. Para todos os prisioneiros de Óregon, o reset era o nome mais temido entre eles. Alguns prisioneiros levados a Óregon são obrigados a passar por um 'tratamento psicológico' chamado reset. Durante esse tratamento, os presos são expostos a algum tipo de química ou energia, ninguém de fora sabe explicar direito como funciona. Apenas sabem que o resultado é uma total transformação mental. Acredita-se que uma pessoa má se torna má por causa de suas experiências traumáticas de vida. Mas se esta pessoa for resetada, sendo removidas todas as lembranças de traumas, ela poderá ser restaurada a uma condição sociável. Em toda a Ordem dos Sete, existe certa discordância sobre se esta prática é moral ou imoral, boa ou má. Alguns fazem protestos pacíficos com cartazes e carros de som, pedindo a abolição do reset. Outros o defendem como sendo a única forma de trazer paz sem ter de matar. E ainda outros dizem que entre ser resetado ou morrer, morrer é algo mais natural. O ponto é que

não existe um acordo completo sobre o assunto. Porém, mais de setenta e oito por cento de toda a Ordem dos Sete aceita e apoia o reset. Como prova, essa prática tem mostrado resultados aparentemente positivos e observáveis. Uma redução de cinquenta por cento dos assassinatos em toda a Ordem dos Sete comprova a sua eficiência. Fique à vontade para tecer a sua própria opinião. De qualquer forma, se ela não for a opinião da maioria, não terá muito poder. Verdade absoluta é. Porém, a vida é cheia de mudanças, e o que era maioria hoje pode tornar-se minoria amanhã e vice-versa. Então, não julgue impossível com base em números de agora, porque às vezes é só questão de tempo. Pequenos tremores constantes podem desabar uma torre.

Enquanto Zira queima a razão pensando em um jeito de sair dali, alguém bate duas vezes bem forte na porta da cela. Imaginando ser a gata desprezível número dois pronta para despejar mais sarcasmo contra ela, Zira berra: "ME DEIXA EM PAZ!" Surpreendentemente, uma voz suave de homem responde: "Calma jovem... Eu vim aqui para te ajudar. Você ficaria feliz se eu abrisse essa porta?"

CURIOSIDADE 01: O que é uma "daska"? "Daska" é o mesmo que "meretriz" na linguagem materna da Zira.

CURIOSIDADE 02: O que é telecinese? A psicocinese, telecinesia ou psi-kappa descreve o suposto fenômeno ou capacidade de uma pessoa movimentar, manipular, abalar ou exercer força sobre um sistema físico sem interação física,

apenas usando a mente. Essa é a capacidade número um de todos os legionários. A única diferença entre eles é o nível de concentração e força que cada um possui para dominá-la.

CURIOSIDADE 03: Você sabe o porquê de algumas prisões vestirem os detentos de laranja? A cor laranja identifica com facilidade quem é prisioneiro. Além disso, caso um preso fuja, a cor é fácil de ser observada em uma perseguição. Dizem também que o laranja motiva a boa disposição, o que ajuda o ânimo dos detentos para cumprir suas tarefas.



Prólogo 04 • Aliança perversa

Quando a oferta é grande, o santo desconfia. Em toda a sua vida, Zira sempre foi bombardeada com ofertas cheias de segundas intenções, e esta parecia ser mais uma delas. De cara emburrada e com grande desconfiança, Zira responde: "O que você acha?" O homem, em tom de brincadeira, continua: "Ah... Eu acho que você ficaria bem animada."

"Mas que cara idiota!" Zira pensa "Não me basta ter tantos problemas? E ainda me aparece gente estúpida!" Ela suspira profundamente. Brincadeiras nunca foram o seu forte, e muito menos passando por toda a pressão de um futuro reset. Mas ela chega à conclusão de que se este idiota puder libertá-la por pelo menos alguns segundos, já é uma possível chance de fuga. Então, mesmo a contragosto, ela responde: "De fato, eu ficaria bem animada. E o que você ganha me tirando daqui?" O homem suspeito responde gentilmente: "Bom, eu espero ganhar uma aliada. Tenho grandes planos e vou precisar de uma pessoa como você."

"Planos, é? Que tipo de planos?"

"Digamos, minha cara, que eu vou destruir Óregon e reformular toda a Ordem dos Sete."

“O QUÊ?! Por acaso você é louco?” é impossível esconder seu imenso espanto. Ele sorri e delicadamente nega com a cabeça: “Louco não. Mas eu sou um sonhador, com sonhos grandes.” Seus olhos brilham.

“Sonhos grandes... Sonhos totalmente fora da realidade! Por acaso você já passou pelo reset e deu ruim? Porque tá parecendo.” Ele ri alto como se acabasse de ouvir a piada mais engraçada do mundo. Zira não consegue entender como alguém com uma ideia tão absurda e prestes a cometer um crime de traição poderia estar tão calmo. Só pode ser louco! Quem está com fome não pergunta a origem do pão que recebe. Zira está em uma situação bem desfavorável, não há muitas opções de fuga. Mesmo que saia da cela, o lugar é vigiado por muitos legionários. Aquele homem maluco certamente é um legionário, mesmo com um papo tão furado, ele passa segurança na voz. Pode ser que tenha um plano que realmente funcione.... “Que droga! E eu lá tenho outra alternativa?!” Zira grita angustiada: “Vou com você! Só me liberte deste lugar odioso!”

“Ótimo! Até porque não temos muito tempo.” O homem aproxima os olhos do leitor de retina e um bip de confirmação é acionado. A voz eletrônica diz: “Legionário Keiro confirmado.” A porta se abre lentamente, para o espanto e alegria da prisioneira. O homem está de braços cruzados aguardando Zira sair. Ela o mede da cabeça aos pés: “É... Bonitinho. Mas louco.”

“Meu nome é Keiro. Se já acabou de me analisar, poderia fazer o favor de se apressar? Apenas me siga e faça o que eu disser. Em breve estaremos bem longe daqui.” Keiro coloca algemas de choque no pescoço e braços da prisioneira: “Nossa farsa precisa ser perfeita, então não ligue para isso.” Zira revira os olhos. “Tá, tá... Não me importo, vamos logo!” Os dois saem pelo corredor como se fosse apenas mais uma transferência comum. Dissimular é o que mantém vivo alguns tipos de homens. Keiro é um desses homens, e o seu poder de convencimento vai muito além das palavras.



Prólogo 05 • Traição

Após sair da cela, Zira e Keiro andam tranquilamente pelos corredores. Keiro orquestrou tudo com muito cuidado e também conta com o auxílio de outros legionários igualmente insatisfeitos com a Ordem atual. De acordo com um dos informantes, nenhum legionário deveria estar no hangar quarenta e sete, porém, ali estava a última pessoa que ele gostaria de encontrar, Tina. Ela é uma legionária nada fácil de lidar, alguém que não pode ser comprada e tão pouco convencida facilmente. Keiro pensa em mudar de rota, mas é tarde demais, Tina o avista e, desconfiada, segue na sua direção. Ele começa a praguejar em voz baixa: “Droga! Não acredito que ela está aqui... Não era para ninguém estar aqui.” Zira vira a cabeça na mesma direção e suspira: “Ah não, outra daquelas gatas desprezíveis. Odeio gatos!”

“Ok, não temos como fugir dela. Então mantenha a cabeça baixa e fique em silêncio.” Zira obedece, pois não deseja ser reconhecida e muito menos voltar para a cela. Tina se aproxima, seu andar esbanja confiança e elegância. Ao alcançar os dois, ela os mede de cima para baixo e, ao mesmo tempo, sorri gentilmente enquanto lança uma pergunta curiosa: “Olá, Keiro! Foi bom te encontrar. Você pensou sobre

o que conversamos ontem?" Com um sorriso forçado, ele responde: "Pensei sim... E continuo pensando o mesmo." Tina muda de expressão e rebate com uma voz séria: "Você sabe que tem de ser assim. O contrário seria o caos." Keiro dá de ombros: "Será mesmo? Como você pode ter tanta certeza?" Tina sente-se ameaçada: "Por experiência própria! Óregon me ajudou de várias formas, tenho certeza de que ajudou você também." Ele sorri sarcasticamente: "Me ajudou? Eu não lembro de ter pedido ajuda. Não lembro de ter pedido nada." A tigresa fecha os olhos e com uma voz de resignação, continua: "É... Eu sei que tivemos de renunciar a algumas coisas, mas foi melhor assim..."

"Algumas coisas?" Keiro contesta irritado: "Ser sequestrado e resetado é pouco para você?!" Tina se surpreende com a resposta. Ela sente algo parecido com uma descarga elétrica percorrer o seu corpo fazendo o coração disparar, e se cala por alguns segundos. Assim como você fica espreitando as brigas do vizinho, assim estava Zira, com os ouvidos pregados e maravilhados com aquela conversa, tirando suas próprias conclusões "Eu achava que todos os legionários concordavam em tudo, mas vejo discórdia nessa casa", pensa ela. Tina se vê vencida, ela percebe que não adianta continuar rebatendo Keiro. Ele já decidiu em seu coração odiar Óregon, ainda que esta seja a única família para os dois. Para evitar mais debates desnecessários, ela resolve encerrar o assunto: "Tudo bem, Keiro, não vamos discutir aqui.

Eu só peço que não faça nenhuma tolice..." Ofendido, Keiro revira os olhos, assim como um filho o faz quando a mãe lhe ordena que leve o casaco: "Eu não sou tolo para fazer tolices." Tina fica séria: "Assim espero. Bom, vamos prosseguir com os protocolos de transferência." Com o escâner em seu braço esquerdo, Tina escaneou a prisioneira. Uma luz azulada passou por todo o corpo de Zira e após um breve apito uma voz eletrônica diz: "Prisioneira Zira, código 105.236-21. Transferência concedida." A tigresa junta as sobrancelhas e inclina levemente a cabeça para cima buscando alguma informação: "Zira? Mas esta é a prisioneira que a Keinara trouxe hoje para o reset... Por que você...?" Keiro dá um longo suspiro, ele sabe que foi descoberto. Um de seus aliados é o responsável pela programação da segurança de Óregon. Mesmo tendo feito perfeitamente o seu papel em modificar os registros, para o azar de ambos, Tina é a supervisora. Sempre que um prisioneiro é cadastrado no sistema, o mesmo envia de imediato uma cópia das informações para o computador pessoal do supervisor. Além disso, ela é dona de uma memória fantástica! Não esquece absolutamente nada! Ainda mais o nome e a cara de uma prisioneira que chegou a pouco tempo em seus registros privados. Keiro pensa calmamente na melhor alternativa para vencer a situação. Opção um: lutar com Tina. Mas essa opção não era boa, porque iria causar muito barulho, em questão de minutos vários legionários apareceriam. Opção dois: enrolar, ganhar tempo e conseguir

uma chance de tocar discretamente nela. Segunda opção escolhida.

Uma pequena mentira emocional já seria de grande ajuda, assim ele começa a falar com uma voz melancólica: "Tina, fica calma. Ela é minha prima, e eu não poderia deixá-la aqui para ser resetada." Zira se diverte ao ouvir tamanha baboseira "Prima... Só se for na vida passada. Mas eu saquei a dele. Confundir e atacar, é o que eu faria." O sangue de Tina ferve, ela está realmente brava: "Ficar calma? Como? Você tem ideia da loucura que está fazendo? Parente ou não, você não pode simplesmente tirá-la daqui desse jeito!" Keiro finge preocupação: "Também não posso ignorar a minha família."

"É por isso que Óregon reseta os legionários! Nós temos de ser imparciais, família ou não, se cometeu um crime, tem que pagar!" Tocar na ferida. Ótima tática! Tina é uma das maiores defensoras no uso do reset em pessoas desordeiras. Os dois fazem parte de um pequeno número de legionários que não foram resetados ou que tiveram as suas memórias restauradas.

Quando jovem, Tina foi encontrada desmaiada em um pequeno espaço entre as paredes de um penhasco. O único motivo de ter sobrevivido foi o fato de ser uma legionária. Mesmo caindo sem ter onde se segurar, as suas habilidades felinas a ajudaram a desviar de pedras pontiagudas durante a queda. Ao encontrar uma brecha entre as paredes do penhasco, Tina lançou o seu corpo com toda a sua força em

direção a esta brecha e caiu mais de doze metros. Por fim, atingiu um espaço rochoso batendo a cabeça com grande impacto. A maioria dos legionários, além da telecinese, possui habilidades extra-naturais ligadas a sua espécie, e uma habilidade especial. Tina possui a habilidade especial de super força, responsável por manter o seu corpo vivo resistindo aos impactos da queda. Mas não foi o suficiente para proteger a sua mente. Algumas horas após a queda ela foi resgatada por um legionário. Sua condição mental, porém, não era favorável. A jovem estava com amnésia. Em casos assim de grande trauma, todos os pensamentos da pessoa ficam trincados e confusos. O legionário sabia que caso ele aplicasse a sua habilidade de apagar memórias na jovem, não sobraria nada na mente de Tina, e provavelmente ela ficaria demente. Por este motivo, Tina nunca foi resetada. Mas o que os anciãos não imaginavam é que ela poderia recobrar todas as suas memórias. Não apenas Tina, como também alguns outros legionários. Esses legionários criaram um pequeno grupo de apoio chamado Luminária, eles se reúnem constantemente para debater o como lidar com essa descoberta. Keiro faz parte desse grupo e os dois foram os primeiros a terem suas memórias recuperadas. Sempre tiveram uma boa amizade, mesmo discordando bastante quanto às regras e leis de Óregon. Enquanto Tina nervosa repassa todas essas memórias, Keiro aproveita para segurar a mão dela, nesta hora a tigresa fica como que encantada. Seus olhos perderam o

brilho e sua boca fecha roboticamente. Com voz firme, Keiro ordena: "Tina, você vai simplesmente nos deixar ir. Fique quieta!" Assim a gata ficou quieta, congelada. Sua respiração diminuiu similar à quando estamos presos em um sono profundo. Ela podia ver tudo, mas não conseguia se mexer, nem falar.

Zira mede Tina com curiosidade: "Gostei... Domou a gatinha. Você usou o seu 'poderzinho' especial de legionário?" Keiro começa a andar rápido, quase correndo: "É, usei sim. Mas não dura muito tempo. Então vamos sair logo daqui." Zira o segue apressando o passo: "Claro, eu não quero provar da sua persuasão mágica." Keiro sorri: "Eu sei que não preciso usar dela com você, temos os mesmos objetivos." Keiro e Zira correm até a nave, dão partida e saem rapidamente da torre central.

Passados dez minutos, Tina acorda assustada: "Não! Você não pode!", mas ela está sozinha. Percebendo o que tinha acontecido, ela dá um alto rugido, liga o comunicador e alerta: "Todas as unidades, isso é uma emergência! Interceptem a nave do..." engasga-se um pouco e continua: "Interceptem a nave do legionário Keiro!" Todas as luzes começam a piscar na cor vermelha, um som forte de alarme soa por todos os corredores. Uma grande nave começa a dar partida e dentro dela, dez legionários se preparam para a caçada. As coisas estão bem complicadas em Óregon. O coração de Tina está apertado, sufocado, as mãos tremem e

ela sente gélidos arrepios em sua pelagem. Seus sentimentos estão à flor da pele, numa mescla de raiva, tristeza e medo: "Aquele idiota vai mesmo realizar o que disse... Não pode ser, como pode ser tão cabeça dura? Preciso falar com a Keinara agora!"



Prólogo 06 • Vamos relaxar?

Keinara retorna ao seu planeta natal, Nahü. Ela quer beber e relaxar um pouco. A atual Nahü é muito tecnológica e próspera. Uma verdadeira fábrica de legionários! Outro destaque deste planeta é a vida boêmia da maioria, uma cultura de viver o agora com tranquilidade, muitas festas e bares. Por isso, se tornou um verdadeiro roteiro de férias para os ricos da Ordem dos Sete. Nahü sempre está cheia de estrangeiros em busca de diversão, pois oferece muita música, peças teatrais, artesanatos, dentre outros eventos culturais. O bar em que Keinara entra tem paredes translúcidas. Como é final de tarde, o céu está todo rosado, a luz transpassa os vidros e tinge o ambiente na mesma tonalidade. Keinara não é do tipo que gosta de multidões e barulho, sempre chega antes de ficar movimentado, passa algumas horas e logo vai embora. A música está suave fazendo ela sentir-se em casa.

Keinara caminha devagar e avista Zany, sua amiga de infância, vindo em sua direção com aquele sorriso todo aberto. É certo que Zany é uma amiga de confiança, mas às vezes Keinara se irrita com o jeito debochado e relaxado dela. Keinara acena com a mão e dá um sorriso forçado de “Éh, tô aqui”, enquanto Zany corre na sua direção gritando: “Keinara,

sua linda! Que bom te ver aqui!" Ninguém sequer nota as duas, afinal, as poucas pessoas presentes estão conversando em voz alta, mas Keinara se incomoda com o gesto exagerado da amiga e abaixa a cabeça envergonhada e resmungando: "Toda vez isso... Que saco...." Zany agarra Keinara pelo braço e a puxa para uma das mesas. Percebendo que a amiga está sem graça, Zany faz questão de falar ainda mais alto: "Keinara, Keinara, minha velha amiga", enquanto gargalha. Keinara se assusta. Irritada, ela estica os braços para frente e os agita, pedindo para Zany sentar: "Precisa mesmo todo mundo ficar sabendo o meu nome?" Zany se senta, cruza os braços e a encara fazendo pouco caso: "Ainda preocupada com o que as pessoas vão pensar de você? Quando é que você vai mudar?" Keinara dá de ombros e se espreguiça na poltrona: "Eu sou assim e pronto. Se você é minha amiga, vai me entender." Zany torce a boca: "Hum... Fazer o quê, né?" Keinara nunca foi boa para iniciar conversas casuais, por isso sempre que visita Zany faz a mesma pergunta: "E como estão os negócios aqui no bar?" Zany decide não deixar essa passar: "Sabe de uma coisa, você sempre me pergunta sobre os meus negócios. Você sabe que andam bem, toda noite o bar enche. É falta de assunto?" Keinara faz bico: "Talvez." Zany a encara com curiosidade: "Sei..."

Boatos são informações descontroladas, muitas vezes exageradas, que começam sabe-se lá de onde e terminam sabe-se lá em quem. Numa coisa Zany era muito boa, em ouvir

boatos; ela ama uma fofoca bem contada, daquelas com detalhes, e já se prepara para contar uma nova, cheia de insinuações em seu tom de voz: "Falta de assunto não é problema para mim. Recentemente, ouvi uma história sobre você e nosso amigo Zirde..." Keinara se engasga e começa a tossir, mas Zany continua o seu relato: "...que estão bem próximos, cheios de conversinhas particulares." Após recuperar o ar, Keinara rebate, pigarreando: "Não foi um bate-papo, trocamos apenas informações referentes a missões."

"Claro, e todos os dias vocês trocam informações sobre missões. Interessante. E só falam sobre isso mesmo?" Keinara olha com desconfiança para a amiga: "Onde você quer chegar?" Zany sorri e responde inocentemente: "Aonde eu deveria chegar?" Keinara se cala por um instante e pensa em como responder para encerrar o assunto: "Hum... talvez me trazendo uma bebida, afinal isso aqui é um bar, não é?"

"Bebida? Sei... sei bem que você está apenas se esquivando do assunto, mas, mesmo assim, eu vou te trazer uma bebida, porque sou uma amiga legal. Quem sabe assim você relaxa um pouco e fica mais sociável." Zany se levanta e vai buscar a bebida, enquanto isso Keinara suspira aliviada: "Ufa! Mas que coisa! Só me faltava essa!" Zirde é amigo de infância das duas, um legionário tão bem-conceituado quanto Keinara. Hoje ele lidera uma das forças mais poderosas de toda a Ordem dos Sete, desempenhando a sua função com excelência. Possui a patente de General das forças armadas de

Óregon. É verdade que Keinara o admira muito, mas os dois são ocupados demais para pensar em se relacionar. E grande parte das vezes que param para conversar fora do trabalho acabam discutindo. Ela começa a ficar brava ao se lembrar de uma das ocasiões em que, numa conversa informal, Zirde solta um: "É óbvio que todos os legionários devem pensar do mesmo jeito. Se cada um quiser pensar 'fora da caixinha', é certeza que todo o poder de Óregon cai por terra."



Keinara consegue se irritar até em pensamento.: "Como isso me enfurece! Independente de sermos legionários ou não, somos todos indivíduos. É claro que vamos pensar diferente em várias coisas. Simplificar tudo assim... Uhrg! Me sobe o sangue!" Quando Zany chega, encontra a amiga com a cara 'azedá', isso sempre acontece quando ela está pensando em um assunto desagradável, então sorri e entrega a bebida para Keinara, que desperta do transe: "Ah, Obrigada!"

"Querida, se continuar passando raiva até em pensamento, as suas rugas vão ficar maiores."

"Rugas? Eu não tenho rugas!" e toma um gole da bebida. Zany gosta muito da amiga, mas às vezes fica preocupada com o excesso de trabalho acumulado que ela carrega, como se toda a Ordem dos Sete dependesse unicamente do trabalho dela. Zany se senta de frente com a amiga e, apoiando o rosto na mão, aconselha: "Olha, eu sei que não é da minha conta, mas eu acho que você deveria pegar mais leve." Keinara detesta que tenham dó dela: "Não precisa se preocupar. Está tudo sob controle."

"Ah é? Controle de quem?" Após mais um gole de bebida, Keinara continua: "Você não vai começar com o discurso de que preciso descansar mais. Não preciso te lembrar de que o mal está à solta e que ele não descansa. Mas claro, não espero que você entenda isso." Com sarcasmo, Zany dramatiza como se tivesse tomado uma bala no peito: "Nooossa! Isso dói. Só pelo fato de eu ter renunciado a ser uma

legionária, isso não significa que não me importo com as outras pessoas. Eu só acho que você se desgasta demais. O mundo inteiro não depende apenas de você.” Keinara empurra o copo vazio: “Às vezes, Zany, a diferença entre a vitória e a derrota está nas mãos de uma única pessoa. Uma variante pode fazer toda a diferença. Não estamos falando de sorte, nem de destino, mas estamos falando de minorias que podem proteger maiorias. Nós legionários temos uma missão, usar nossas habilidades pelo bem de todos. Renegar isso é o mesmo que deixar vidas se perderem por egoísmo.”

“Eu sei, eu sei. Calma lá! Pelos deuses! Eu não estou dizendo para você abandonar tudo, só estou dizendo que você poderia tirar uma folga maior. Nós chamamos isso de férias, sabe... Aqui fora, quando trabalhamos um ano inteiro, nós tiramos férias de três meses.”

“Se os legionários tirassem férias por três meses, suas férias não durariam nem um dia.” Zany desiste de argumentar, suspira e cruza os braços: “Tá certo, esquece isso. Eu prefiro paz a ter razão... Bom, mas já que amanhã você vai ter o dia de folga, o que acha de irmos à praia?” Keinara olha para cima pensativa e solta um sorriso de canto de boca: “Praia seria uma boa. Gosto de água.”

“Pronto!” Zany dá um salto animada: “Estamos combinadas! Amanhã vou tirar folga junto contigo. Vamos à praia!” As duas sorriem e batem na palma da mão uma da outra. Em seguida, apita um aparelho dentro da bolsa de

Keinara, que já volta ao estado de alerta sério de sempre. Zany desfaz o sorriso na hora: "Ah não..." Keinara coloca um aparelho redondo dentro do ouvido e segura um maior na palma da mão: "Keinara falando, pode continuar, Tina."

"A Zira fugiu, precisamos da sua ajuda urgente!"

"Como?! Mas como isso é possível?"

"Isso o quê?" Zany se levanta rápido e coloca a cabeça ao lado da amiga para ouvir melhor a conversa. Tina continua: "Eu sei que é difícil de acreditar, mas Keiro a ajudou. Infelizmente, temos um traidor. Na verdade... temos mais traidores, não sabemos ao certo quantos nem quem são, mas é certo que os dois tiveram ajuda."

"Que babado!" Zany fica pasma ao ouvir que um prisioneiro fugiu de Óregon e que ainda contou com a ajuda de legionários. Keinara incomodada tenta afastar Zany e continua: "Isso é um absurdo! Estou indo agora!" e se levanta rapidamente.

"Indo? Mas é a sua folga!" Zany exclama indignada. Tina complementa: "O general foi atrás deles, mas precisamos nos preparar para qualquer imprevisto."

"Sim, já estou indo."

"Obrigada, Keinara" Tina desliga. Keinara começa a andar em direção à porta no que Zany segura o braço dela: "Espera! Por que tem que ser você?" Keinara encara Zany nos olhos: "Porque, se por algum infortúnio Zirde falhar, eu serei a

única capaz de encontrar Zira.” Zany solta o braço da amiga e coloca as mãos na cintura: “Eu já estava esperando por isso mesmo, vai lá, vai!” e fica emburrada. Keinara percebendo que Zany ficou chateada, se aproxima e dá um abraço nela: “Ainda vamos ter a nossa praia, não se preocupe.” Zany devolve o abraço: “Oh minha amiga. Ficarei aguardando isso.” Keinara sai correndo do estabelecimento e faz sinal para uma nave táxi, solicitando uma corrida até o centro de pouso.



Prólogo 07 • Perseguição no espaço

Dentro de Óregon, os legionários estão pasmados, apreensivos e confusos: "Por que Keiro nos traiu? Quem os ajudou? Quantos são os traidores entre nós?" Muitas são as perguntas que levam sempre ao mesmo lugar: medo e desconfiança. Seria possível uma Ordem tão sólida ruir? Fora do planeta, uma perseguição de naves se inicia. O general Zirde com os seus homens estão atrás de Keiro e Zira. Sentada ao lado de Keiro, Zira reclama, gesticulando com as mãos: "Caramba, Keiro! Você disse ter tudo muito bem-planejado!" Calmamente, Keiro responde: "E tenho! Não duvide de mim. Sou muito mais hábil do que você possa imaginar", enquanto aperta vários botões e segura firme o manche. Uma voz eletrônica anuncia: "Escudo energético ativado. Nave inimiga a dez huans* de distância e se aproximando."

"Dez huans?!" Zira pula da cadeira com uma expressão apavorada e grita: "Mas isso é muito perto! Faça alguma coisa!" Todo o alvoroço de Zira não afeta em nada a calma do grande piloto Keiro, que se mantém concentrado: "Se você ainda não percebeu, estou fazendo alguma coisa, estou pilotando a nave. Será que você poderia fazer a gentileza de

se sentar e afivelar o cinto?" Em seguida, sorri sarcasticamente: "Vamos ter uma leve turbulência". Irritada, Zira se afivela ao assento, cruza os braços com ódio e medo. Keiro transmite o ar de quem tem tudo absolutamente sob controle, mesmo em uma situação estressante como essa. Isso a deixa confusa, numa mistura de raiva e curiosidade: "Como pode?!" Na nave inimiga, o general Zirde estica o braço e com uma voz forte e imperativa ordena: "Disparem os lasers! Força máxima!"



Um legionário com a aparência de réptil efetua os disparos e uma forte rajada de lasers na cor laranja atinge o escudo energético da nave de Keiro, causando grande agitação. Zira fecha os olhos e morde os lábios inferiores. O escudo energético absorve a maior parte do impacto, mesmo assim, o escudo não seria capaz de suportar mais do que alguns minutos. Keiro puxa o manche para trás, fazendo a nave se erguer dois níveis acima.



Na nave de Zirde, uma legionária de pele amarela chama a atenção do general: "Senhor, a nave do traidor está carregando um tipo de hyperdrive. Mas... Tem um problema." Zirde a encara com espanto enquanto ela termina a frase: "Não existe registro deste tipo de hyperdrive em toda Ordem dos Sete!"

"Como isso é possível?" O general fica aturdido com um olhar perdido, mas rapidamente se recompõe e ordena: "Carreguem o canhão de plasma imediatamente! Vamos explodir essa nave juntamente com essa escória!"



Uma legionária com aparência de peixe puxa uma alavanca e digita algumas senhas no painel de controle: "Carregamento do canhão de plasma iniciado, senhor!" o som sai por um dispositivo em seu corpo metálico. Zirde fecha os olhos e suspira profundamente, magoado: "Eu pensava que todos nós fossemos irmãos, legionários leais a Óregon e uns aos outros, mas... agora vejo que não é assim." Nem toda certeza é uma verdade. Crenças podem se desmanchar diante de fatos. Existe apenas um planeta que possui permissão para criar naves e acessórios de navegação espacial. Este planeta passa por diversas vistorias e todos os acessórios criados são registrados no banco de dados de Óregon, justamente para evitar a criação de algo que dificultaria o trabalho dos legionários. A notícia de um hyperdrive não registrado, que não pode ser rastreado e que provavelmente tem uma velocidade maior do que a de um hyperdrive comum, deixa todos os legionários presentes ali apreensivos. Uma família tão aparentemente unida e organizada começa a apresentar as rachaduras outrora escondidas. A legionária com aparência de peixe exclama: "Canhão carregado, senhor!" Zirde abre os olhos e com a mão em forma de arma esticada para frente ordena: "ATIREM!" Uma grande bola de energia branca com partículas magenta e azul é disparada. O seu poder de destruição é capaz de queimar e explodir mais de doze naves naquela distância. Ao atingir a nave de Keiro, ela causa um grande choque que empurra a nave dos legionários para trás.

Na atmosfera de Óregon, tanto o General Zirde como todos os outros legionários ficaram surpresos, pois a nave de Keiro havia sumido. Apenas alguns estilhaços ficaram espalhados, mostrando que houve sim algum dano na nave inimiga, mas é óbvio que Keiro e Zira conseguiram escapar. Zirde dá um forte rugido, misturando raiva e frustração. Ele golpeia a mesa de controle e, em seguida, esconde a cabeça entre os braços, derrotado. Agora, só lhe resta voltar para Óregon de mãos vazias e esperar que a legionária Keinara tenha mais sucesso do que eles.

(10 huans é equivalente a 2 km)

Fim do prólogo.

CONTO • KEINARA



Uma criança felina corre pelos campos verdes. Com olhos brilhantes, olhos espertos, ela observa a natureza a sua volta e ao mesmo tempo rodopia com os braços abertos, até perder o equilíbrio e deixar-se cair sobre a grama macia. Ela coloca a mão sobre os olhos protegendo-os do sol "Que calor gostoso!" e vira-se de lado. "O que é isso?" um brilho azul desperta a sua curiosidade. Um sorriso espontâneo forma-se em seu rosto enquanto a pequena se aproxima da borboleta e tenta tocá-la. O delicado ser colorido bate suas asas e voa alto, deixando Keinara maravilhada. Ela se concentra, estica sua pequena mão em direção a borboleta e suavemente puxa-a de volta, até que ela pousa em seu dedo indicador. Assim se inicia a manifestação telecinética da pequena criança, que não tem ideia de como isso mudará a sua vida para sempre.

Ela mora em um vilarejo simples de pessoas humildes que ganham a vida como caçadores. Sua casa de madeira fica firme em uma árvore frondosa, cheiro de mato descreve bem o ambiente. Já é noite, todos dormem tranquilamente, a pequena criança em sua cama e os seus pais abraçados na cama ao lado. Era para ser uma noite normal como tantas outras, se não fosse pelo evento anterior com a borboleta. O silêncio é cortado por um estrondoso vento forte, as folhas das árvores agitam-se violentamente, o som é semelhante ao de um helicóptero, algo desconhecido para eles.

Os pais da jovem acordam assustados, sua mãe rapidamente se levanta e a pega no colo apertando-a,

enquanto isso, o pai da jovem vai até a janela verificar "Será que é uma nova tempestade? Querida, ao meu sinal vamos direto para a caverna!", a esposa consente acenando levemente com a cabeça.

Por ser uma terra tropical, fortes tempestades são muito comuns. Os moradores como bons felinos, sentem-se mais seguros e confortáveis morando em árvores, porém, em dias de tempestade, não é um local seguro de se estar. Por isso, eles constroem suas casas em árvores próximas a cavernas, assim em casos de emergência podem rapidamente buscar um abrigo mais seguro. Mas infelizmente, a situação que teriam de lidar estava muito além de sua capacidade defensiva, nenhuma caverna poderia protegê-los.

Óregon, conquistadora de mundos, planeta legislador, juiz e executor. Este é o antagonista desta família e de tantas outras.

Enquanto os pais de Keinara descem as escadas, uma grande nave paira no céu. Eles correm para dentro da caverna e a mulher começa a chorar "Amor, o que é isso? Serão os deuses? O que eles querem de nós? Estou com medo!" o marido abraça a esposa tentando acalmá-la "Não sei meu bem, não sei...".

Os três se abraçam dentro da caverna, uma luz forte revela a silhueta de uma pessoa. Mesmo com medo o pai se posiciona para proteger a família. Com pelos eriçados ele

expõe as suas garras, dentes e rosna “Quem é você, e o que você quer?!”. Contudo, não há resposta, o intruso continua calado observando o gatinho acuado. Tudo é muito obscuro e incerto. O homem não se intimida, prossegue andando em direção à família e falando em um idioma desconhecido para eles “Não fique no meu caminho! Não quero machucá-lo, mas o farei se for necessário. Algo maior do que nós está aqui hoje. Vocês serão doutrinados em uma nova cultura de ordem e paz, toda a selvageria deixará de existir e este planeta florescerá como uma nova terra próspera e justa”.

Confuso o pai balança a cabeça em negação “Eu não entendo o que você diz, mas é melhor você voltar para onde veio! Eu não vou permitir que machuque a minha família.”, ainda assim, o estranho continua caminhando calmamente. Percebendo que aquela pessoa não iria parar, o pai avança contra ele. O invasor estica a mão e paralisa o felino deixando-o como que congelando, em plena ação. Depois o ergue do chão e o faz flutuar “Eu disse para não ficar no meu caminho! Agora terei de machucá-lo”. O intruso move rapidamente seu braço para à direita lançando o felino em direção a parede da caverna, fazendo-o bater com a cabeça e desmaiar. A esposa grita “Não!” e olha com pavor para o estranho “O que você fez? Por que você está aqui? O que você quer?!” lágrimas de medo, tristeza e dor escorrem em seu rosto.

Ele para em frente as duas felinas e encara a mãe nos olhos “Apenas me entregue a pequena e eu a deixarei em paz”.

A mulher não compreende, sentindo-se ameaçada, com a criança em seus braços ela se levanta e começa a correr. Enquanto corre os seus pés saem do chão, seu corpo flutua. Certamente não há mais o que fazer, não há como lutar, sobralhe apenas a despedida “Minha filha, minha criança, mamãe te ama muito”. O invasor usa sua força cinética para abrir os braços da mãe enquanto ela grita, após separar a mãe de sua filha ele a joga contra a parede fazendo-a desmaiar.

A criança permanece flutuando e chorando, de braços estendidos ela grita “Mamãe!”. O homem a olha com ternura e a puxa suavemente até tê-la diante de si “Você não sabe ainda pequena, mas você é uma joia bruta, presente desta terra. Em breve, você será lapidada por Óregon e será responsável por grandes feitos”. Dos olhos do homem começa a brilhar uma luz rosa neon, isso faz com que a criança se acalme para depois cair em um sono profundo. Ele a pega nos braços e a cobre com o seu manto. Eis o troféu de sua incursão! Ao sair da caverna ele dá um longo suspiro “Mais um tributo recuperado, assim como tem de ser”.

A pequena Keinara acorda em uma cama grande e macia. Nas paredes desenhos de estrelas com quadros suavemente coloridos. Ao seu lado um gatinho de pelúcia,

coisas surpreendentes para uma criança criada no meio do mato com uma cultura rústica.

Ela se senta na cama e fica olhando admirada, enquanto isso a porta se abre e o mesmo homem que a havia capturado entra a passos leves “Bom dia jovem” sua voz é maternal “Como está se sentindo?” Keinara o observa curiosa, não se lembra dele, na verdade ela tem a sensação de não se lembrar de muita coisa. É como se algo tivesse sido arrancado de suas memórias a força. A sensação de vazio é sentida, mas o que foi tirado, o que lhe foi tomado? Isso ela não tem como saber.

“O despertar é sempre assim, minha pequena. Tudo está confuso, mas vim aqui para ajudá-la a entender.” O homem se senta na cama ao lado da menina e segura em suas mãos “Você se chama Keinara, seu planeta natal é Nahü. Sentimos a sua presença como iniciada e a trouxemos para cá. Você tem habilidades incríveis que podem salvar a vida de muitas pessoas, por isso será treinada. Vamos conhecer melhor o seu novo lar?” Ele puxa a mãozinha da jovem delicadamente, ela se levanta e o segue. Por algum motivo aquele homem passa muita confiança, talvez sejam os olhos bondosos em conjunto com a voz gentil.

Saindo do quarto eles se deparam com um grande corredor bem iluminado, cheio de portas fechadas. Eles continuam andando e chegam em uma sala maior, redonda. Em seu centro uma figura impressionante a espera. O Ser está de costas com suas duas asas abertas, possui plumagem bege

com pequenas manchas marrons. Ela vira-se delicadamente em direção a jovem e a encarava com ternura, sua voz é macia, assim como suas plumas "Vejo que acordou, pequena criança. Bem-vinda a sua nova casa." O homem se afasta das duas e se comunica mentalmente "Agora a deixo aos seus cuidados, anciã. Irei buscar outros tributos." A anciã acena com a cabeça e o homem desaparece rapidamente.

A anciã dobra os joelhos e tenta ficar na mesma altura da jovem "Venha, se aproxime, deixa a tia te abraçar." A pequena se aproxima da anciã que a abraça colocando suas asas sobre a criança e cobrindo-a completamente. Os olhos da anciã são brancos, ela não enxerga com eles, mas pode sentir a presença de outro Ser, e por meio disso saber a sua direção e altura. Mas é quando ela O toca que verdadeiramente O enxerga. Com apenas um toque ela pode acessar suas memórias, mesmo as que foram bloqueadas, e entende todo o contexto daquela pessoa. Isso é tanto útil, como um fardo para ela.

Keinara sente-se segura naquelas plumagens fofas e quentes. A anciã acessa as suas memórias e vê seus pais, sua mãe e o belo lugar onde viveu, o amor de sua família e por último, os acontecimentos de quando a jovem foi arrancada de seus pais. Uma lagrima escorre dos olhos da anciã "Quanta dor, quanto medo... Será que sempre vai precisar ser assim?"

Depois de alguns minutos a anciã abre vagarosamente suas asas e solta a pequena criança, que continua com suas memórias bloqueadas "Venha, vamos conhecer uma pessoa".

As duas seguem por outro corredor de mãos dadas, param em frente a uma porta. A anciã se comunica mentalmente com alguém "Olá Beta, sei que sente a nossa presença. Lhe trouxe uma aprendiz." A porta se abre e uma humana de pele preta como a noite e olhos dourados como a lua, abre a porta com um grande sorriso. Seus cabelos crespos estão presos em um largo coque "Que criança linda! Estou tão feliz em conhecê-la" abaixa-se na altura da menina "Garanto que seremos grandes amigas!" A anciã sorri satisfeita enquanto pensa "Eu gostaria que estas duas se tornassem amigas em uma situação diferente, mas é assim que tem de ser". Além de acessar as memórias, a anciã tem a habilidade de conectar pessoas, ela sabe exatamente quais são as personalidades que se complementam. Em um toque ela descobre muito mais do que uma vida, ela descobre conexões que podem ser formadas para fortalecer pessoas.

A partir deste momento, Keinara passa a ser rigorosamente treinada por Beta, uma mestra exigente, porém gentil. Sempre espera mais de sua aluna, não deixando de elogiar cada avanço, por mínimo que seja. Com o tempo elas se tornam como mãe e filha, uma conexão verdadeira que beneficia a ambas.

Finalmente Keinara completa vinte anos e está pronta para ser uma legionária. Seus feitos são grandes! Mesmo jovem recebe missões importantes como a de liderar a captura de assassinos, contrabandistas e líderes de seitas perigosas.

Por um lado, ela sente-se feliz por ajudar tantas pessoas, mas por outro... É como se sua vida tivesse sido roubada dela. Estar sempre tão ocupada lhe é estressante, a necessidade de sempre atingir as expectativas dos outros é dolorosa. E por diversas vezes ela é tomada por um desânimo imenso. Mas o vazio que sente em sua mente e coração, a sensação de que algo lhe tinha sido arrancado, a fazia ter medo de perder as coisas importantes de agora. Esse sentimento a motiva a dar tudo de si, mesmo sob muita pressão.

No dia em que sua mestra morreu em batalha contra os rebeldes do planeta Inicial, a jovem experimentou uma dor profunda. Após quinze dias de luto ela decidiu voltar ao trabalho "Isso é o que minha mestra esperaria de mim. Legionários morrem em batalha, preciso aceitar este fato. Preciso ser mais forte... preciso manter acessa em mim a memória da minha mestra. Preciso me esforçar um pouco mais a cada dia, proteger as pessoas que amo." Em seguida surge em sua mente uma lembrança boa. No dia de sua formatura, após ela representar os formandos com um discurso, seu amigo Zirde impulsivamente corre e a abraça gritando "Parabéns! Que discurso emocionante!" Ela sorri com a memória. Quando Zirde percebe que havia extravasado, ele fica envergonhado e logo a solta. Keinara também fica toda sem graça. Para piorar um pouco as coisas, Zany como sempre, começa a rir e dá leves tapinhas no ombro de Zirde "Há, há! O próximo discurso vai ser do noivo, ein?" Deixando-os ainda

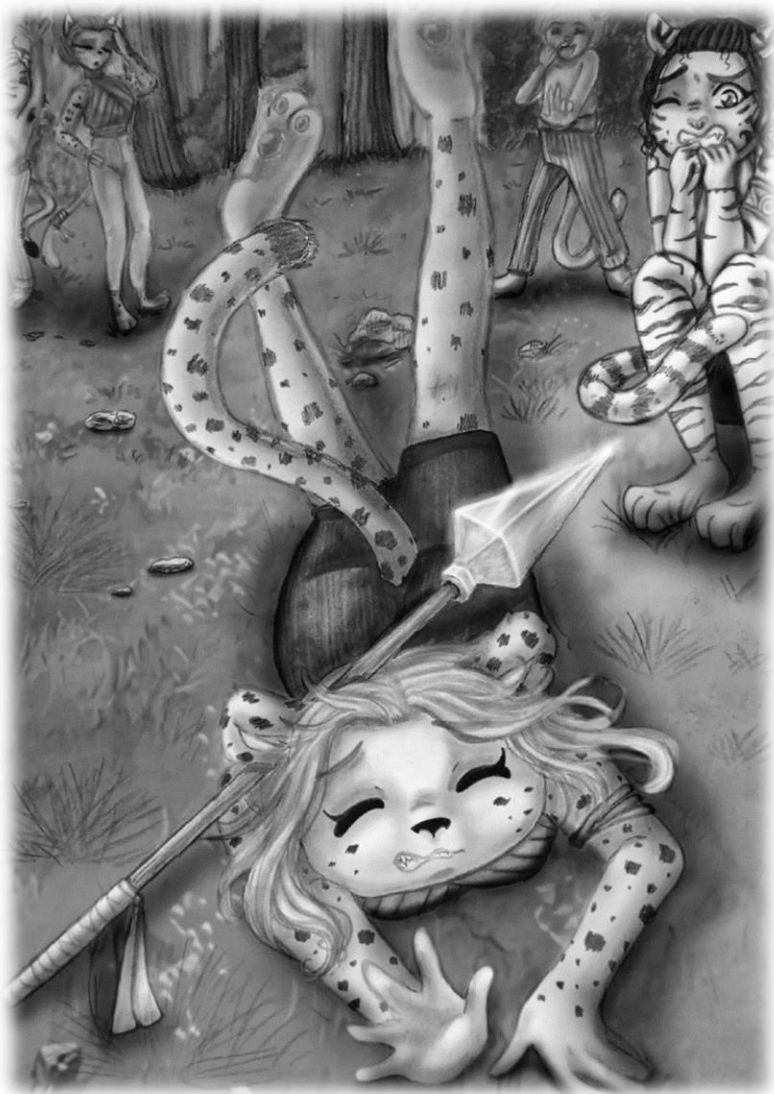
mais embaraçados. Keinara fica muito brava e estica o dedo indicador na cara de Zany "Não vai ter noivo nenhum não, deixa de ser boba!" Zirde fica discretamente desapontado. Vindo na direção deles, Tina tenta segurar o riso "Parabéns, Keinara. Fomos muito bem representados em seu discurso." "Muito obrigada Tina" depois se vira para Zany "Tá vendo! Por que você não consegue ser uma amiga normal como a Tina?" Zany dá de ombros e fica resmungando "Blá, blá, blá Tina."

Keinara solta um riso que mais parece um soluço, uma lágrima escorre em seu rosto e cai sobre a foto de sua formatura "Não posso perdê-los, preciso proteger a todos com o melhor de mim."

Assim foi forjada Keinara, personagem do livro Light Novel Rebelião. Uma mulher forte, determinada e cheia de princípios. Muitas vezes exausta por carregar tantas responsabilidades, mas que o faz para não perder aqueles a quem ama.

Fim do conto Keinara.

CONTO • SUNA



Quando criança, Suna vivia em seu planeta natal Nahü, onde todos os habitantes são meio homens, meio felinos. Suas casas eram feitas de madeira sobre as árvores, um lugar repleto de verde, montanhas e vales.

Famosos em Nahü eram os grandes e poderosos caçadores. Suas habilidades felinas aguçadas, experiência e exaustivo treinamento, permitiam-lhes capturar animais grandes e assim alimentar toda a aldeia. Visto que a vida era mantida pela caça, desde cedo as crianças eram treinadas a se tornarem futuros caçadores com foco em desenvolver ao máximo suas habilidades. Uma competição acirrada entre as famílias era muito comum. Todos disputavam o posto de Nahamma, ou família chefe. Se tornar a próxima família Nahamma garantiria muitos privilégios especiais.

As escolas eram focadas em ensinar técnicas de combate e caça. A próxima geração deveria ser capaz de defender o território e garantir alimento mesmo em épocas de frio e geada.

Suna era uma jovem extremamente atrapalhada, aquele tipo de pessoa que tropeça nos próprios pés (ou patas). Por este motivo ela se tornou uma piada entre os colegas de classe e uma grande vergonha para os seus pais. Sendo assim, a vida de Suna tornou-se muito solitária. Em casa não existia afeto. Seus pais a olhavam friamente, faziam questão de demonstrar todo o desgosto que sentiam por ela. Era como se a pequena

menina fizesse por mal, como se ela tivesse culpa por ser tão atrapalhada e azarada.

Todos os dias após as aulas, Suna entrava em casa de cabeça baixa. Sua mãe deixava uma tigela com comida sobre a mesa, mas ninguém se sentava à mesa com ela. Comia sozinha e ia para o quarto aos suspiros. O seu quarto era um pequeno mundo alternativo onde com seus bichinhos de pelúcia, Suna inventava aventuras nas quais ela era a Gran Chefe, salvadora de todos. Tudo era perfeito!

"Ao menos uma vez na vida eu poderia ser assim." Seus olhos vez por outra pairavam soltos e brilhantes pelas paredes do quarto, imaginando como seria na vida real se fosse igual à vida imaginária.

Além de todo o desamor por parte da família, a jovem enfrenta perseguição e rejeição dos colegas de turma. Chegou a um ponto que ela achava estranho o dia que ninguém a incomodava.

Mas nem tudo era amargo e sem graça. Uma colega de turma chamada Tina, que era meio humana, meio tigresa, seja por dó, compaixão, sabe-se lá qual outro motivo poderia ser, decidiu aproximar-se dela. As duas se tornaram grandes amigas. Todos os dias elas corriam pela floresta e repassavam as aulas da manhã. Sentavam juntas próximo a um penhasco para conversar e admirar o pôr do sol esplêndido que pulsava e se escondia nas montanhas.



Tina estava sempre cheia de muitas ideias e teorias, gostava de filosofar. Coisas que Suna não entendia de nada, porém, o sorriso e a empolgação de Tina a deixava muito feliz.

O coração de Suna ficou cheio de um calor gostoso, o mesmo calor que ela sentia no colo de sua mãe quando ainda era bem pequena. Quando não sabiam o quão sem futuro ela seria: "Uma aluna excepcional! Sem sombra de dúvidas."

Era assim que os professores viam Tina, como a futura Gran Caçadora Chefe. Tinham altas expectativas sobre a garota, que além de habilidosa na caça era incrível nas lutas. Uma nova estrela da manhã estava para surgir.

Mas a vida é injusta, fatídica. Como poderia a luz e a escuridão dividir o mesmo espaço sem incitar o caos? Apenas um incidente e tudo outrora planejado, esperado, se desfez.

Só mais um dia, como tantos outros. Suna e Tina apreciando o pôr do sol. Tina filosofando, Suna contemplando a inteligência, audácia e empolgação daquela que teria um futuro muito melhor do que o seu. Uma cena bonita de se ver, se este não fosse o início de uma tormenta.

"Aquele ali não é a Tina?" grita e aponta um menino meio felino de pelagem vermelha.

"Sim, é a Tina. Como sempre com aquele trapo que carrega para todo lado" conclui outro menino com aspecto de leão.

Tina ao ouvir isso se levanta de imediato. Seus os olhos estavam cheios de ira, seus dentes rangiam, um rugido soou: "O que vocês disseram?! Repita se forem homens!"

O menino com aspecto de leão gritou: "Você nunca será a Gran Chefe! Não importa o quanto seja boa. Você carrega uma aberração com você. Ninguém nunca vai te respeitar! Eu não vou te respeitar!"

"E quem disse que eu quero o seu respeito?!" A tigresa avançou sobre o leão, os olhos flamejantes, dentes à mostra, uma verdadeira fera indomável. O menino felino de pelos vermelhos correu e conseguiu fugir. Já o garoto meio leão teve tufos de pelos arrancados, alguns rasgos no braço e uma baita mordida no ombro. Com esta última, soltou um gemido profundamente doloroso: "Me solta sua louca!" Foi quando Tina finalmente o soltou.

Suna assistiu a tudo calada e pensativa. Sabia que de alguma forma aquelas palavras eram verdadeiras. Repetia em sua cabeça: "Aquele trapo que carrega para todo lado. Uma aberração com você." Trapo, aberração. Palavras fortes para se referir a alguém. Mas o pior de tudo é quando esse alguém concorda com elas.

Verdade... Suna sempre estava ao lado, ou melhor, sempre estava na sombra de Tina. No fundo, sentia-se como a lama que suja os pés de uma deusa. Era um sacrilégio!

Em um futuro não tão distante, Tina poderia ser a Gran Caçadora Chefe. Teria a casa mais bela da aldeia, quantos machos desejasse, fartura de comida, festas especiais todas as primaveras, respeito e admiração: "Como isso será possível carregando um lixo como eu?" Pensando em tudo isso, angustiada, correu para longe.

O menino leão se levantou com dificuldade, pois sentia arder em suas feridas que sangravam. Ele se afastava devagar, mas se mantinha de frente com a tigresa. Os olhos arregalados de medo, controlando a vontade de chorar. Não existiam lágrimas nos olhos de Tina, mesmo com um belo arranhão na perna. Estava anestesiada de raiva, nenhuma dor poderia alcançá-la. Suas palavras foram incisivas, metálicas: "De pessoas como você eu não quero respeito. Quero medo! Me tema, e suma daqui!"

Entendendo ser a hora para desaparecer, o garoto leão correu como se não houvesse amanhã. Finalizando sua luta por temor, Tina virou-se em direção a Suna, que já não estava mais lá. "Onde será que ela foi?"

Suna voltou para o seu pequeno quarto, desabou sobre a sua cama e ficou olhando para o teto. Repetia em voz baixa, num sussurro contínuo, quase como uma oração: "sacrilégio... sacrilégio..." Naquele momento uma decisão foi tomada. Certamente não foi uma boa decisão.

No dia seguinte, Suna começou a comportar-se diferente. Quando Tina tentava falar com ela, Suna apenas a ignorava e fingia não ouvir. Repetia em sua mente: "Sacrilégio, sacrilégio... Os deuses me recompensarão."

Assim perdurou por mais de uma semana. Tina só olhava Suna de longe, não tinha mais coragem de se aproximar. No fundo, sentia um pouco de raiva e indignação, mas, ao mesmo tempo, queria entender o que havia acontecido, por que isso?

Em um fim de tarde, Suna resolveu ir para o ponto de encontro onde costumava admirar o pôr do sol acompanhada de Tina. Ela estava evitando o lugar, seja pelas lembranças que traziam saudades ou pelo medo de encontrar a pessoa da qual estava fugindo. Lágrimas começam a descer de seus olhos que foram rapidamente absorvidas por sua pelagem.

"Agora não é hora de chorar. Preciso me tornar forte! Preciso merecer a amizade da Tina. Preciso calar a todos." Suna já estava treinando sozinha há alguns dias e parecia estar melhorando. Sem a pressão dos olhos dos professores e colegas de turma, a coisa fluía melhor. Claro que o treinamento com Tina também ajudou muito.

Um cheiro forte. Era cheiro de comida. Suna fechou os olhos e concentrou-se no odor: "Um animal, um cervo macho, está próximo." Andou cuidadosamente entre os arbustos até avistar o cervo. Fixou os olhos em sua vítima, ergueu as orelhas com atenção. Todos os seus sentidos estavam concentrados

naquela refeição. Começou a ouvir os batimentos do animal. Finalmente os seus sentidos felinos começaram a funcionar, ou talvez, esta tenha sido a primeira vez que se concentrou em algo.

Quando estava pronta para dar o bote, ela sentiu outra presença. Queria saber de quem se tratava, parecia ser um cheiro familiar. Agora os seus sentidos estavam tão aguçados que todos os cheiros e sons se misturaram. Isso lhe causou uma imensa confusão mental.

Um vulto apareceu na sua frente e instintivamente Suna esticou o braço em sinal de afastamento. O que a pequena não poderia imaginar era que o vulto se tratava de Tina. A jovem tigresa tinha finalmente juntado coragem para conversar com quem considerava ser sua amiga. Mas este foi um momento infeliz.

Ao esticar o braço para frente, Suna disparou uma rajada energética que lançou Tina em direção ao penhasco. Tina balançava os braços no ar buscando algo em que pudesse se segurar, mas nada estava próximo o suficiente de suas patas. Com os olhos arregalados de espanto, a tigresa formou nos lábios um: "Por quê?"

"TINAAAA!" Suna correu em direção ao penhasco horrorizada, tinha lágrimas em seus olhos: "Mas como isso aconteceu? O que foi que eu fiz?" Olhava para as mãos, amedrontada, trêmula. Não sabia o como, e nem o porquê

aquilo estava acontecendo. Nunca ouvira falar de alguém que conseguisse fazer isso: "E por que logo agora? Por que comigo?"

Agora sim, tornou-se um fato consumado. Ela era uma maldição em pessoa. Uma assassina. Entre soluços e lágrimas: "A Tina, a Tina... A única que... A única amiga que eu... Eu matei... Eu matei a Tina...."

Suna trancou-se em seu quarto e por três dias não comeu nem bebeu. Ficava encolhida no canto da parede. Não havia mais lágrimas para chorar, toda água secou-se. Seus olhos não tinham brilho algum. É como se a menina tivesse morrido naquele penhasco junto com a tigresa.

No final do terceiro dia um grande alvoroço começou na aldeia. Além do desaparecimento de Tina que deixou todos desconfiados, fortes ventos no céu noturno pareciam anunciar uma tempestade. Quando os aldeões saíram para olhar, uma imensa nave espacial pairava no céu acima deles. Nunca haviam visto algo igual. Não conheciam tecnologia nenhuma, eram arcaicos. Logo imaginaram tratar-se dos deuses que decidiram premiar ou destruir a sua civilização.

A nave pousou e a porta se abriu, saíram dela, criaturas estranhas, eram de espécies muito diferentes da deles. Todos carregavam armas e andavam em formação. Por último saiu um homem encapuzado que andou diretamente até a árvore onde Suna morava. Flexionou os joelhos e deu um salto

fenomenal, pousando de frente a casa de Suna. Empurrou a porta, passou pelos pais de Suna como se não existissem e seguiu direto para o quarto da pequena. Ao abrir a porta do quarto sentiu o cheiro de pavor e tristeza: "Que lástima! Que dor!" falou consigo mesmo.



A menina encontrava-se encolhida, imóvel. Ela não havia sequer notado a presença daquele homem estranho. Ele fez um estalo com a boca que marcava a sua indignação: "Desprezíveis! Como podem tratar uma pessoa de sua própria espécie desta forma? Essa criança... Ela é só uma criança."

"Pequena..." Disse o homem suavemente enquanto tocava delicadamente o ombro da menina. Lentamente ela ergueu a cabeça, olhou sem de fato ver.

O desconhecido segurou o rosto de Suna de frente ao rosto dele. Seus olhos começaram a emitir uma luz rosa neon intensa. A luz penetrava nos olhos da jovem e iam lentamente desmanchando a amargura da vida. De pouco em pouco os olhos da menina ganharam brilho e a jovem deu um pequeno soluço. Era de alívio. Imediatamente desfaleceu nos braços do homem.

O estranho a segurou firmemente nos braços, apertando-a contra o peito. Ele possuía um olhar bondoso e terno: "Minha criança, os seus dias de sofrimento terminaram aqui. Você terá uma nova vida em Óregon, será o seu novo lar. Assim como tem de ser." Os pais da menina não reagiram. Ninguém reagiu. O homem entrou na nave carregando Suna. Os outros estranhos do exército continuaram em terra firme. Na porta da nave outro homem aguardava, ele era alto com pele azul e olhos amarelos: "Pobre pequena. Garanto ao senhor que estas feras serão doutrinadas! Em breve

obedecerão ao poder maior da paz e harmonia. Assim como tem de ser."

Chegando a Óregon, Suna acordou, mas não tinha recordações de seu passado. Não se lembrava de seus pais, nem de seus colegas de classe, nem dos professores. Até mesmo Tina desapareceu totalmente de suas lembranças. Agora era apenas Óregon e os legionários. Eles eram a sua família, aquele era o seu lar, desde sempre e para sempre. Assim como tem de ser. Mas... Por algum motivo, Suna não saberia explicar. O pôr do sol de qualquer sistema solar a fazia sentir um calor reconfortante, uma garantia de que ela nunca estava sozinha.

Fim do conto Suna.

CONTO • HOUNEN



Assim como todo legionário, Hounen já foi uma criança, e muito esperta por sinal. Seus olhos estavam sempre bem abertos a observar tudo. Com menos de um ano já sabia falar, ele era a alegria de sua mãe, Mashira. O colo materno é muito bom; por mais insano que pareça ser, é o lugar onde nos sentimos mais protegidos. Claro, quando possuímos uma mãe bondosa como a de Hounen.

O planeta de Hounen é bem próspero, assim como os outros planetas conquistados pela Ordem dos Sete. Tudo flui em perfeita harmonia, uma paz e tranquilidade quase inabaláveis. As leis impostas pela Ordem dos Sete eram rígidas e bem respeitadas, poucos se atreviam a contrariá-las, pois as penas para os rebeldes eram duras. Mas nem tudo eram flores. Existiam alguns que discordavam da forma em que eram governados. Mashira não sabia, mas acabaria se tornando uma desafortunada pela Ordem dos Sete.

Em uma bela manhã como tantas outras, Mashira cuidava de seus afazeres na cozinha enquanto Hounen brincava na sala. O pequeno começou a rir muito, estava empolgado. Qual é a mãe que não gosta de ouvir o sorriso do filho? Mashira sorria: "Esse menino, todo dia é uma aventura. Como pode se divertir tanto assim sozinho?"



O pequeno aparece na porta da cozinha com olhos radiantes: "Mamãe, vem ver o que eu aprendi, vem!" ele insistia puxando a mãe pela blusa. Mashira seca as mãos no pano de prato e segue o filho até a sala para ver qual era o novo truque que ele tinha aprendido. Porém, ela foi tomada de espanto e uma amargura indescritível.

ilustração digital light novel rebelião

Hounen se sentou no chão, olhando alegre em direção a um copo de água e com um pequeno aceno de mão fez com que a água se mexesse sozinha dentro do copo. O copo tornou-se um pequeno chafariz onde ao invés de se espalhar a água mantinha-se unida em um tipo de vórtice contínuo.

O coração de Mashira deu uma forte pontada enquanto os seus olhos estavam fixos no copo de água, não conseguia acreditar no que estava vendo: "Meu filho, um legionário? Isso não pode ser. Não, não..." Segurando o pequeno Hounen nos braços e olhando diretamente nos olhos dele, ela disse com voz embargada e lágrimas: "Meu filho, por favor... por favor, não faça mais isso."

O brilho nos olhos do garotinho se desmanchou em lágrimas: "Não chora mamãe, não chora." Eles se enlaçaram num forte abraço e choraram juntos. Hounen chorou porque sua mãe estava chorando e Mashira chorou porque sabia a situação com a qual teria de lidar.

Mashira com o menino no colo, sentou-se no sofá e ligou para o marido. Sua voz ao telefone transparecia todo o nervoso e angústia que estava sentindo. O marido tentava acalmá-la: "Calma amor, calma. Eu não consigo entender" o marido pedia que Mashira contasse o ocorrido devagar.

"O nosso filho... ele move as coisas sem tocar nelas, ele consegue fazer coisas flutuarem, ele..."

"Como assim amor? Eu nunca vi isso antes."

"Hoje, marido. Eu vi isso hoje. Ele é um legionário. Eu não consigo acreditar que isso está acontecendo conosco" o seu rosto ardia de nervoso e as lágrimas continuaram a descer em meio a soluços.

"Entendo. Esposa, você sabe o que precisamos fazer."

"NÃO! Não! Eu não vou entregar meu filho para eles. Eu não vou."

O marido começou a sentir calor, com as mãos trêmulas afrouxou o nó da gravata. Ele sabia que se não entregassem o garoto às autoridades de Óregon, eles seriam presos e talvez até resetados.

"Esposa, se acalma. Nós vamos dar um jeito nisso. Fica calma."

Mashira diminuiu o choro e se acalmou confiante de que o marido resolveria tudo. Eles poderiam fugir para outro estado ou mesmo outro planeta. Poderiam fugir para longe do radar de Oregon. O Lar é onde a família está, não importa o

local que vivam. Com esses pensamentos a mãe exausta de preocupação banhou-se com a criança e depois, foram dormir um pouco. Eles precisavam estar descansados para as decisões que seriam tomadas quando o marido chegasse.

O menino dormiu depressa, mas a mãe não conseguia fechar os olhos. Suas palavras eram um sussurro: "A inocência... Meu filho, você nem ao menos sabe a seriedade disso tudo. Melhor que seja assim." Ela passava a mão direita sobre os cabelos espetados do filho com ternura. Com os olhos marejados ficou assim por horas até que finalmente dormiu.

Mashira acordou com a porta do quarto se abrindo, era o marido com um semblante preocupado e triste. Suavemente ela apalpou a cama e sentiu que o garotinho não estava mais do seu lado. O seu corpo começou a formigar.

"Hounen? Cadê você meu filho? Hounen!"

Desesperada, a mulher jogou os travesseiros para o alto e correu em direção ao marido.

"Marido, cadê o nosso filho?"

Agarrou o marido pelo braço e começou a sacudi-lo com força: "MARIDO! Cadê o Hounen?!"

Ele a abraçou com força: "Amor... não podemos fazer nada. Desculpa, desculpa" e ele também começou a chorar. Mashira se soltou dos seus braços e o empurrou. Com os olhos

arregalados indagava: "Você não... Você não entregaria o nosso filho a eles, entregaria? Você entregou?"

"Amor... o que você acha que poderíamos fazer? O que poderíamos fazer? Não podemos fazer nada. Não podemos, não podemos..."

Essas palavras confirmaram o maior medo de Mashira. O seu marido com quem tinha construído uma vida junto, ele a tinha traído. Ele foi capaz de entregar o seu filho para uma organização ditadora. Como ele pôde fazer isso com tanta facilidade? Como?

É comum que o nosso desespero não nos deixe ver a dor do outro. O marido caiu sentado no chão com as mãos no rosto em prantos e profundo pesar. Para quem não conhece Óregon, pode achar esse homem um desnaturado ou covarde, mas apenas quem se depara com uma decisão difícil e dolorosa sabe como custa agir contrário ao que se deseja. Na verdade, esta foi, sem dúvida, a melhor decisão que este pai poderia ter tomado.

Ela correu até a porta da casa. A alguns metros de distância ela viu uma grande nave espacial. Vários de seus vizinhos estavam presentes, observando curiosos, mas como toda boa mãe a primeira pessoa a quem ela viu foi o seu filho que estava sendo levado por um estranho. Então, ela correu aos berros: "HOUNEN! MEU FILHO! NÃOOO!"

O menino olhou para sua mãe em desespero e começou a chorar puxando o estranho pela mão. Pouco antes de Mashira os alcançar, um soldado agarra a mulher alarmada pelo braço, rasgando as mangas de sua camisola e a segurando firmemente enquanto outros soldados armados observam toda a situação.

O homem estranho queria fazer o reset dentro da nave, em um local mais calmo, porém viu que isso não seria possível. Então gentilmente se abaixou na altura do menino e com voz suave lhe perguntou: "Pequeno, seu nome é Hounen, não é verdade?"

"Sim" o menino respondeu apreensivo e sem desviar os olhos de sua mãe.

"Você quer voltar para a sua mãe?"

Foi quando o menino desmanchou o choro e sorriu olhando nos olhos do homem: "Quero! Eu amo a mamãe", mas após dizer isso o menino já não parecia estar mais ali. O processo de reset já havia começado, no fundo Mashira gritava pelo filho e berrava ao máximo. O estranho, mesmo incomodado com os gritos, continuou: "Meu jovem, o seu passado já não importa mais. A partir de hoje você é um legionário e terá uma família que te ama e que cuidará de você, não importa o que aconteça. Durma e descanse um pouco. Em breve tudo estará bem."

Hounen dormiu nos braços do homem que o carregou para dentro da nave enquanto resmungava: “Meu filho, meu filho. Egoísta! Esta criança é o filho da esperança, da ordem e da paz. Não é o seu filho.”

A nave partiu e Mashira se abraçou desalentada. Seu marido a tentou consolar, mas ela o empurrava, não o queria mais. A partir deste dia o seu casamento já não existia e a sua família havia sido destruída por Óregon. O seu objetivo de vida seria recuperar o filho perdido não importando o quanto isso iria custar.

Hounen cresceu e se tornou um excelente legionário. Por ser um jovem muito inteligente, atento e curioso, se tornou um estrategista incrível. Além de possuir a telecinese ele também desenvolveu uma habilidade especial, ele conseguia realizar cálculos matemáticos com muita precisão e rapidez. Isso garantiu a ele o posto de cientista mestre de Óregon.

Sua vida parecia incrível! Mas todas as noites em seus sonhos ele ouvia a voz familiar de uma mulher que desesperadamente gritava: “Hounen! Meu filho! Devolvam o meu filho!”

Fim do conto Hounen

SUPER SORTEIO!

Ganhe os livros: **Guerra Silenciosa** e **A última esperança**
em formato digital EPUB ❤️

Serão 3 sorteados e você poderá ser um deles!

O arquivo será enviado direto para o e-mail dos vencedores.

Data do sorteio: 03/12/2023

às 20hs via meet.

COMO PARTICIPAR?

1. Entre na página deste livro na Amazon e deixe a sua avaliação até no máximo dia **30/11/2023**.
2. Depois, tire uma foto ou print da avaliação e me envie por WhatsApp 11 9 6978-9793, informando seu nome e e-mail.
3. Você receberá o link do meet para a reunião agendada, é só entrar na reunião às 20h e acompanhar o sorteio.

**Para me enviar mensagens via WhatsApp
é só ler o QR Code abaixo:**



Continue a sua aventura!

Você também pode comprar os livros II e III direto com a Autora, é só fazer o seu pedido pelo site:

<https://dmorje.com.br/rebeliao/>

ou ler o QR Code abaixo:



◆ Agradecimentos ◆

Quero aproveitar este espaço para agradecer a você leitor, por me apoiar como escritora iniciante. Eu sei que tenho muito a aprender, mas prometo me esforçar cada dia mais. Amo criar mundos, e enquanto escrevo eu os vivo, me sinto livre como um pássaro. E você faz parte disso! Agora esse mundo especial também é seu ♥

Agradeço a Deus por tudo de bom que tenho em minha vida. Agradeço também aos meus pais que nunca me sobrecarregaram com cargas pesadas, nunca me obrigaram a nada.

Não posso me esquecer também dos meus amigos que em fases diferentes da minha vida estiveram me apoiando. Pessoas verdadeiras com as quais me divirto muito saindo nos rolês de velhinhas.

E claro! Não faltam agradecimentos as pessoas do Facebook e Instagram que acompanharam o desenvolvimento desta história, compartilharam suas opiniões e me encorajaram com suas mensagens de poio. **Gratidão imensa!**

Curtiu esta história? Então envia uma mensagem para a autora! Ficarei muito feliz em receber uma mensagem sua ♥



Danielle (DMorje)
livros.dmorje@gmail.com
WhatsApp: 11 9 6978-9793
www.dmorje.com.br



Instagram: @d.morje
Facebook: @dayla.assuky

